

ILUSTRAÇÃO

N.º 217 — 10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem
produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclare-
cimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultram. Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	182\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 - pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 LISBOA

As edições da Livraria Bertrand encontram-se à venda na Minerva Central, Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212 Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Sungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DA-LHE A FREXURA DA JUVENTUDE

M.º CAMPOL

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA**

O «ROUGE» FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS



PRODUTOS DE BELEZA

RITZ

AGENTES: STETTEN & C.º Lda - R. do Madalena, 119-2º - Lisboa

Cesse de pôr pó constantemente

Se deseja
**UMA TEZ
ENCANTADORA**



Todos os homens detestam ver uma mulher pôr pó em público. Não é só por isto, mas porque os especialistas afirmam agora que pôr pó frequentemente é mau para a pele.

Graças a uma nova e surpreendente ideia o pó Tokalon, segura-se mesmo sobre uma pele gordurosa, durante quatro vezes mais tempo do que tudo que V. S.ª tenha empregado até hoje.

Está especialmente preparado segundo um processo secreto, para produzir um efeito mate e vaporoso duma rara beleza natural. O Pó Tokalon resiste à transpiração e não cai com o vento ou a chuva.

Suprime os poros dilatados. Faça o que fizer, pode estar segura que o pó Tokalon é o único pó de arroz que lhe dará à luz do dia ou à luz artificial uma tez natural duma maravilhosa beleza e sem o mínimo vestígio de brilho.

GRATIS - Por combinação especial com os representantes, toda a leitora desta revista pode obter este mês um novo Coffret de Beleza de Luxo contendo uma caixa de Pó Tokalon, pó de arroz de «mousse de crème», (indicar a cor desejada), amostras das 4 cores de pó em vogue, para ensaiá-las no seu rosto, assim como um tubo de Crème Tokalon, Biocel, Alimento para a pele, Cor de Rosa, a usar de noite antes de deitar e um tubo de Crème Tokalon, Cor Branca, (não gorduroso) para de dia. Enviar quatro escudos em: selos para gastos de alfândega, porte e registo (o Coffret é grátis), directamente para o Depósito Tokalon de Lisboa (Secção I. L. 1). Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações
francesas, inglesas, alemãs: semanais,
quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,
mensais e de estação, tais como:

*Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les En-
fants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots
— Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's
Ladies Journal — The Lady Fashion Book —
Die Dame, etc.*

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Acaba de ser posto à venda o

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola
Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 430 páginas com 246 gravuras,
encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de ser posto á venda

NOVIDADE LITERARIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Snr. "Mariquinhas" — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes "Gira" — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barbosa de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12\$00**
enc. . . . **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de aparecer a

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

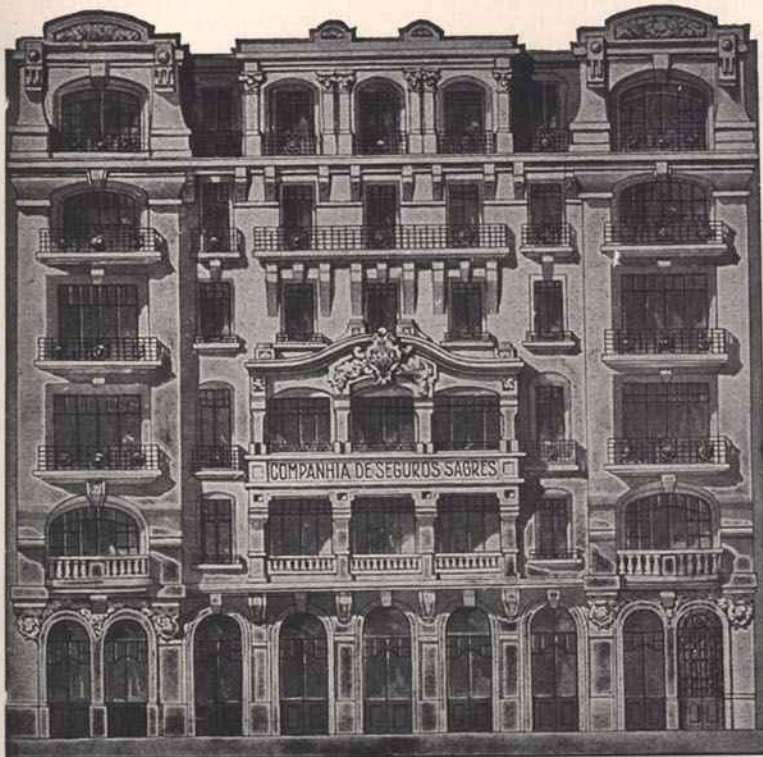
TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem do cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc..... **17\$00**
broch..... **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulverifi-
cações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

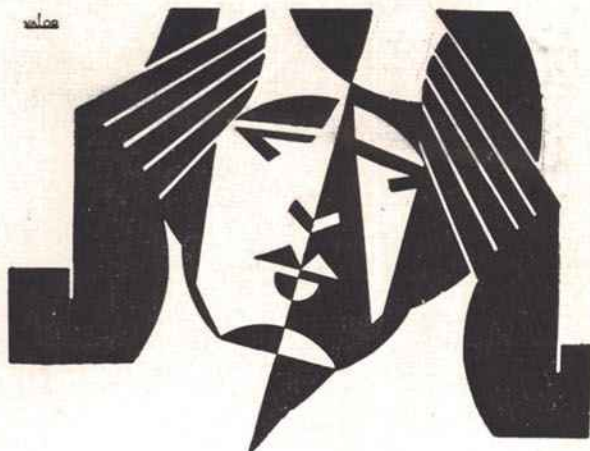
Premiada com medalha de ouro em todas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE
HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 22074



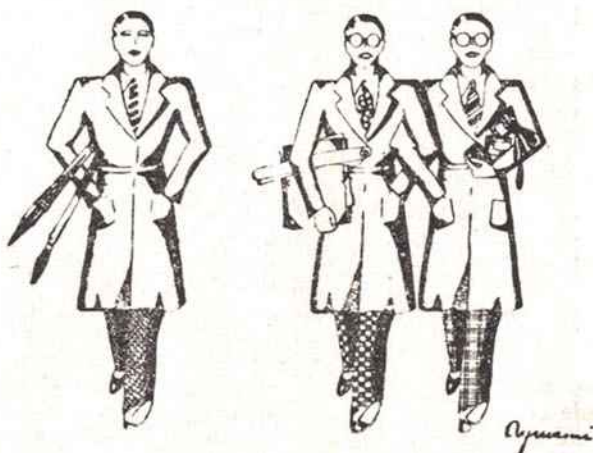
Julgar que, para a mulher, os so-
frimentos periódicos são obriga-
tórios, é um equívoco. Dois com-
primidos de Cafiaspirina renovam
o bem-estar. São absolutamente
inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
21368

**BERTRAND
IRMÃOS, L. DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

DA existencia de uma crise financeira e económica ninguém duvida. Quer dizer, depois de muito a terem analisado, definido, compulsado e perceberem quanto ela se furtava a estudos magistrais, com diagnósticos e prognósticos, deram em nega-la. Para os sábios, ou pretenciosos que tudo querem saber, a muito falada crise não passa de vã, sem realidade a que se aplique. Segundo eles o indicado por esse título é pura e simples a feição do mundo actual, ou tempo de hoje, filho do tempo de ontem, sem carácter de crise que por definição é um estado transitório.

Pode ser que tenham razão esses julgadores, como pode ser que caíam no vício, não raro em sabichões, de negarem aquilo que não entendem.

Digam eles o que disserem, nada impediu às gentes vulgares, desobrigadas de pensar e falar com alta sabedoria, o habito de empregarem como sal na comida a insinuante palavra que o ouvido aceita, o sentimento acolhe com agrado pelo cómodo oferecido. E tanto que já deu em geito, ou tic, manifesto a propósito de qualquer contrariedade. Arranjou-se com a crise uma máquina universal de explicar este mundo e o outro. Crise vinícola, metalúrgica, política, religiosa, crise da terra e do céu. Nada pois mais lógico do que descobrir-se entre tantas uma crise do casamento. Acharam-na com a singularidade de apresentar sinal inverso das outras. Quer dizer em vez de excesso como se observa com as charruas e o vinho, nota-se uma diminuição de noivos dispostos a aumentar o número de famílias constituídas dentro da lei civil.

Não é facil de averiguar estatisticamente se o número de donzelas núbéis cresce ou diminue; apenas se sabe que o número de mocinhas não matrimoniadas, e desejosas de sê-lo, avulta de ano para ano. Pode mesmo, sem grave exagero, afirmar-se que o vinho não vendido e as mulheres na disponibilidade crescem paralelamente. Não iremos até estabelecer correlação entre os dois fenómenos. Limitamo-nos a oferecer a ideia que eles sugeriram aos atribulados viticultores, no intuito de ajudá-los a sair da penosa situação que os amofina. Consiste em meter na cabeça das suspirantes a certeza daquela correspondência; acreditem elas que a paralisia das adegas determina a crise do matrimónio e que eliminada uma, a outra seguir-lhe-á o rasto, prestes se encarregarão de forçar abstemios e bebedores a mobilizá-las. Mais não será preciso para vencer uma dificuldade que

CRÓNICA DA QUINZENA

traz em amargura os três estados, as quinças, a alma de Camões, a navegação e conquista e o restante fundo de reserva heroico de Portugal.

Fizeram-se mais umas eleições que os diversos naipes sentimentais criticam ao sabôr de seus agrados e repugnâncias. Haverá quem as trate de melhores do mundo, como haverá quem as taxe de as mais odiosas. Abstenhamo-nos de discorrer sobre a técnica empregada, por ser matéria difficil de desenvolver e mais ainda de submeter a confrontos experimentais. Aceitemos ainda por certo que a filosofia do sufrágio está por fazer em tôda a parte, e que em Portugal não se atingiu sequer o período de definição perfeita; o que é e como se constitui aquela prova, está por delimitar.

Afastado pois esse ponto fundamental que de tão controverso não pode considerar-se, contentemo-nos com referir um aspecto que naquella manifestação pública se apresentou inédito e supomos digno de registo. Vem a ser uma diferença de atitude que contradiz o hábito, ou se quisermos um feito nosso bem radicado e não louvavel.

A índole portuguesa sempre se reconheceu negativista, pronta à opposição, à rebeldia, nunca disposta a actos afirmativos. Consiste a novidade em ter produzido pela primeira vez uma afirmação concreta. A massa multitudinária saiu de casa sem qualquer atractivo de combate, contradição, ou demolição, somente decidida a dar o seu apoio a uma obra, ou programa de vida pública. Nenhum motivo a decidiu a pronunciar-se senão o de aprovar o governo da nação na sua gerência. Difere como acto de vontade construtivo da norma anterior.

Supomos não exagerar classificando-o de distintivo de uma maturidade de pensar que não se estava afeito a ver.

A quinsena regista ainda outra nota consoladora, que também pode con-

tar-se como extranha ao feito português.

Indisciplinado, irrequieto, voluvel, por mercê da desordem em que se faz a sua educação, não é licito esperar dêle uma acção persistente, regular, dependente de vontade firme, equilibrada. Capaz de um acto heroico, por aventura, raro se vê entregue ao trabalho ordenado e executado com precisão.

Ao arrepio dêsse mau geito, acaba de revelar-se o desempenho de um programa ou ordem de serviço que a si mesmo se impoz o aviador Humberto Cruz. Saído de Lisboa com um trajecto e horario distribuído através de considerável numero de dias, cumpriu quanto prometêra com rigor mecânico e uma segurança que apenas se conquista mediante a posse e utilização de importante valôr pessoal. É indispensavel adquirir conhecimentos técnicos, pericia especial, mas a tudo se sobrepõe a existência de um carácter que faculte o domínio nervoso a ponto de submetê-lo ao comando regular e permanente do raciocinio.

Outras escolas que não a portuguesa empregam métodos que permitem formar com facilidade e frequência relativa esses estimaveis temperamentos.

Nelas se produzem as constituições firmes, equilibradas, as boas fisiologias nervosas em proporção que nos surpreende e nada tem de maravilhosa.

O excedente relativo consegue-se por indústria, quer dizer, mediante laboração especial do material empregado na constituição da pessoa humana.

Se usassemos idénticos processos a nossa produção de elementos capazes, resistentes do fisico e do moral andaria a par do que outros alcançam.

Ao Deus dará como temos por teôr, ficaremos sempre à espera que a sorte nos traga um homem para amostra, a excepção incluída entre os prodigios da fortuna.

O acto de Humberto Cruz, salienta-se pela regularidade do seu andamento, seguro e sereno como o de um pendulo. Têm isso de admiravel e digno de louvor.

Devemos agora considerá-lo uma lição, portanto deduzir a necessidade de empregar os meios já estudados e conhecidos para conseguir mais gente daquela qualidade.

A aviação é bom instrumento para exercitar o animo. Há outros, há mesmo muitos. Falta só a vontade de pôr em acção qualquer, ou alguns, dos mais experimentados, de eficacia segura.



Estátua do príncipe D. Denis de Portugal, filho de D. Pedro I e de D. Inez de Castro

umas vezes o comandante Soares Branco, outras eu, que fomos na segunda bancada, nos empenhávamos em esconder dos olhos do dr. Brito Camacho o mostrador temível. A mais de oitenta nos lançámos Alentejo fora, sem que fizesse reparo. Ia bem disposto, com o seu fato novo, o seu chapéu novo, barba feita, apenas o cabelo empolado à Tolentino sobre a nuca. O rosto, que sempre que o víamos nos parecia lívido, brilhava daquele branco animado, cor de rosa, do europeu sem mescla. E até o abdômen, de senilidade precoce, de que é espelho hediondo aquele Victor Hugo em pélo, de Rodin, se mostrava menos proeminente. Estava restabelecido da doença que o prostrara na cama por bastantes dias e, nas suas palavras sempre desafectadas, nos jeitos simples, na aparência do perfeito equilíbrio físico, sentia-se de bem na criação. Com voz

Pequenos itinerários antigos, correndo a posta, de Lisboa a Guadalupe não se gastava menos que uma semana. D. Sebastião levou onze dias. O nosso 20.053, sem um desfalecimento, remoendo a sua cantaroia, tendo tomado o «ferry-boat» no Cais do Sodré à volta das 8, em despeito da visita ao palácio dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa, do almoço e visita à Catedral a admirar os Morales, em Badajoz, dum longa hora consumida no deslumbramento do circo romano, em Mérida, depunha-nos em Trujillo, a uma jornada do mosteiro, muito a tempo de beber o aperitivo e jantar. Todavia o dr. Brito Camacho, ao subir para o Packard, dissera ao «chauffeur» do dr. Vinagre:

— Mannel, faze de conta que vai aqui a senhora.

— Já minha mulher, quando sobe para o carro, costuma dizer: Mannel, faze de conta que vai aqui o dr. Brito Camacho — retrucou, gracejando o dr. Vinagre.

Pois embora o automóvel conduzisse o nosso prudente amigo, que além do natural amor à vida procurava imprimir às coisas o seu gosto de proporção, não compreendendo que, gratuitamente, para ganhar cinco minutos num percurso de cem quilómetros, se corresse o risco de escavar as costelas, a estrada até Setúbal, com as suas curvas apertadas, as suas rectas breves, sempre viridante e embalsamada, passámo-la entre setenta e oitenta à hora. A máquina agarrava-se inteligentemente ao solo e, ao brando balçoço, a velocidade só transparecia no taquímetro.



Cliché do Comandante Pentecado

branda, aquela voz que contrastava no tom com os seus sarcasmos ou as suas réplicas sempre sacudidas e nervosas, e lhe era a mais peculiar, respondia com um comentário espirituoso ou observação documentada a dito ou pergunta que se fizesse. O inverno fôra enxuto e a seara estendia-se às duas bandas, por debaixo dos olivados, chamuscada e frouxa. Dizia-nos ele que, de facto, o ano se anunciava de mau cariz, ao

Na estrada de Borba. O mata-bicho

DE LISBOA A GUADALUPE

NOTAS DE VIAGEM

vez da colheita anterior que abarrotara as talhas. Também, à vista do candeio, as oliveiras não prometiam abundância. Mas, acima do interesse e paixão de lavrador, os olhos enamorados do artista iam revendo embevecidamente a paisagem que, que ele animava em tanta página, descrevera com paleta cêlere mas obsequiosa da verdade e colorida, nas lombas suaves aveludadas de trigo, chãs onde os sobreiros escorrem sangue, e as oliveiras se recortam no céu, fôlha a fôlha, tige a tige, como talhadas em prata, o tronco torcido no desespêro de dar fruto pelos séculos fora, paisagem da planície tão diferente da da montanha, criadora de almas melancólicas e insatisfeitas, mais além, sempre mais além a desejar. Não se via fâscara a água, mas vinha dos longes a brancura espacial que lava o espírito. Também para os azinhais por cima da vara rósea e nédua dos cevados, cantava como nos planaltos de sargão e rosmarinho a cotovia. Que pássaro foi aquele que dentre as oliveiras, enquanto às portas de Borba nos pusemos a devorar o mata-bicho luculento e memorável que o dr. Brito Camacho trouxera numa ampla mala de coiro, soltava as volutas maviosas? lamos deglutindo os «croquettes» divinos, as «sandwiches» de berrar por mais, acompanhadas de vinho de raça, e sempre o musicieiro cantava, como se tivesse a seu cargo desempenhar o papel dum quinteto de ziganos perante comensais tão requintada. Deixei o festim opiparo, uma pilhêria do comandante Pentecado a meio, no desejo de surprender o menestrel das oliveiras. De longe bateu as asas. Mas nele, na sua gama quente, quasi em cadência de oratório, ébano de ouro, exprimia o segredo da planície, também ali, *plaine, plaine bême, interminable, toujours la même.*

Infectimos para Vila Viçosa, curiosos de conhecer o palácio ducal que ia ser incorporado nos bens nacionais. Boas tapeçarias, muita faiança, algumas armas de preço, raros quadros bons, uma cozinha reluzente de baterias de cobre, ultra-fresca. Riqueza sem sumptuosidade. A cama onde D. Carlos dormiu a última noite, cama vulgar de burguês; no quarto de D. Amélia mais *maçottes* que num bazar. A pessoa que nos guiava, a filha porventura dalgum criado da casa rial, muito delicada e atenciosa, dizia: *aqui era o toucador de S. M. a rainha senhora D. Amélia; mais adiante teria ocasião de indicar: este quadro pintou-o S. M. o senhor D. Carlos; e entre mobília de segunda ordem, todos os estilos, o fútil e o sério, a obra de talha e a mesa de pinheiro, lembraria; estamos nos aposentos de S. A. o senhor D. Afonso.* Esta boa senhora foi, em verdade, a única sombra rial que sentimos perpassar na longa enfiada de salas do solar dos Braganças.

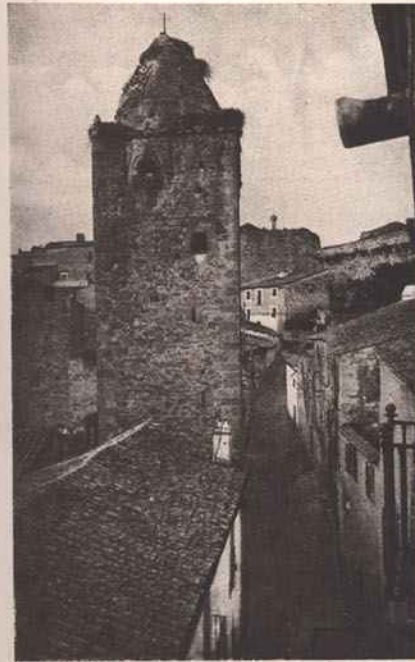
À 1 hora amesdávamos ao al-

moço mal servido do Restaurant Club, em Badajoz. E, enquanto partíamos à busca dos Morales, o dr. Brito Camacho corria de automóvel a visar no

Consulado português a licença militar, formalidade esta que desde manhã o vinha trabalhando. Os Morales da Sê não são os melhores que saíram daquela mão ascética, atormentada; mas, arrecadados com disvelo e o melhor resguardo, testemunham a ternura que ali se vota ao mais louco e desventurado dos pintores.

Em bôlide despedimos pela campina estrelinha fora, rectas de dez e mais quilómetros, recobertas do verde das scaras, ou desdôbrando nas suas ondulações, lentas e mal definidas, o amarelo queimado do restôlho. Ao contrário do que se nos deparara no campo alentejano, as oliveiras eram anãs, os ramos dobrados para a terra, de modo a apanhar-se-lhes a azeitona do chão. Mas outra árvore não se descobria. As próprias aldeias pareciam, com a telha rubra, os muros de adobe ou tijolo, sem uma fôlha, acervos de lava. Ao meio erguia-se a igreja, alta, negra, medonha, e era como um pastor dentro do seu harão.

Talavera la Real, Lobon, Nuestra Señora de Paraís, Casas de Maza, em que se distinguem umas das outras, agachadas por vezes numa dobra da planície, com seus telhados crucentos,



Trujillo Torre dos Chaves Orellana

Estátua da Infanta D. Joana, esposa do príncipe D. Denis de Portugal

a arder ao sol de Abril? Mérida levantou-se finalmente para lá dum lomba com as suas casas térreas e o dédalo das suas ruas, branca e prestigiosa. Fôra ela o empório de mais nomeada da colonização romana. Para ali convergiam dos quatro pontos as vias de lage, feitas para a passagem das coortes latinas calçadas de ferro e os comboios dos mercadores ajoujados de frumenta. Só de Lisboa saíam quatro destas vias militares, dentre as quais a mais antiga, chamada rota de Antonino, de 212.000 passos, atravessava por Évora, e a mais curta e moderna, de 178.000 passos, cortava a desbanda de Arronches. Mérida jazia sonolenta, apagada, com as suas dez mil almas, tão igual a Beja como o podem ser duas cidades saídas do mesmo fundo histórico, com céu e terra equivalentes. Mérida, porém, guardava jóias sem par, o Circo, maravilho-



so e a realizar pelos séculos fóra. Era a primeira vez que Brito Camacho via Mérida e o espectáculo das ruínas famosas encantava-o. Não era ele o que se pode chamar um erudito, mas a intuição supria-lhe a falta de conhecimentos neste ou naquele particular e tinha sempre qualquer coisa de justo e imprevisto a dizer. Lembrei-me haver-me confessado anos atrás que tinha em mente compor um romance que se passaria na Roma imperial, nos alvares do cristianismo, e questionei-o.

— Ainda não renunciarei a escrevê-lo — respondeu. — Estou convencido que um livro desses não é mais difícil de fazer que um livro de novelas cuja acção decorra na actualidade. Tenho para lá o borrão.

De novo nos vimos cortejados pelas oliveirinhas rasteiras da planície ao passo rômpan-

do Packard. Tudo raso é monótono como lauda de cantochão. A penedia ibérica, tão filiciosa, apenas nos foi aparecer nos horizontes de Trujillo, estalagem necessária, hoje como ontem, de quem vai de Lisboa para Madrid. Ainda havia sol e, lés a lés do Norte, a velha muralha com as suas infinitas ameias, os seus castelos, as suas gortas da Falsa-Ié, de Santiago e do Triunfo, as torres do Alcaxarejo e dos Chaves-Orellana, os seus campanários românicos de pedra barbada por musgos seculares, vestia-se dum lama vermerável. O hainro onde ficava o nosso hotel, com quintandas e escarpantes de toda a povoação que tem electricidade e um quartel de tropa, era como a plateia construída adrede para gozar o proente daquele burgo medieval e doce dia de primavera. O caracter e mais que o caracter a procia representavam no alto. E, como se naquele teatro a cena se movimentasse, os ares repercutiam com um somido repetido e estridente *trrrá-trrrá-trrrá!* Que era, que não era, fomos cheios de curiosidade subindo a ruela íngreme que mete para a Plaza Mayor. E, súbitamente, compreendemos. Por cima dos nobres palácios e dos templos, em corocheus, agulhas e pirâmides, no bôrdô das cornijas, nas próprias ventanas, as cegonhas erectas sobre um pé, batiam o bico e essas que batiam o bico faziam mais barulho que as matracas na Semana Santa de Sevilha. Outras, porém, ensimesmavam-se como recolhidas em oração ao sol-pôr e a sua silhueta fundia-se com as nobres linhas ou figuras de cimalha do Palácio del Marqués de la Conquista, de S. Juan de Piedras Albas, del Duque de S. Carlos, que assim me ensinava o guia chamarem-se aquelas mãos estavas como arcos de Noé, caladas como noite no crmo, mas com as suas armas arrogantes e uma inextinta prosápia. Outras cruzavam-se em farândola por cima da praça, por cima dos passeantes, lançando-se do alto dos morriões da fortaleza, do pináculo das



Cliché do Comandante Penteazo

tôres, a caminho doutros poisos. De per-mei-o com elas, sarabandavam no céu, que a noite ia tingindo de violeta e cinábrio, andorinhões em barda e uma espécie de peneireiros que ali chamam *cernicalos*. Mas outras cegonhas vinham de longe, adivinhava-se que entravam nos ninhos de moirer na planície, mais tardas, por vir talvez de mais longe ou alquebradas dos anos. O seu vôo, — pernas repuxadas para a cauda, esbeltas e no jeito de remos, as asas, finas e longas, em aspas com a linha dorsal, o bico estendido horizontalmente como carena, tinha a graça estilizada, própria das aves heráldicas. A medida que a noite se adensava, os seus vôos iam esfumando-se, mal seu colo esbranquiçado abrindo sulco no negrume como na água mansa e escura dum lago. Mas aquelas aves tão singulares, que povoam a parte velha de Trujillo, engendraram uma vida estranha, de novela de fadas, com povo descrito por imaginário e maravilhoso lápis. Entramos no hotel ouvindo sempre a metralhada dos bicos das cegonhas. A noite que baixara de todo sobre o casario, apenas deixava ver no burgo velho a rosácea iluminada dum relógio de torre e as luzinhas de azeite a broxolear semi-mortas aos pés dos santos no nicho alto dos conventos e acima dos arcos da cidadela. Jantámos, fomo-nos deitar, sem jamais cessar de todo o martelado das cegonhas, aves religiosas e de bom agoiro, que catam os prados da bichice e nos bons velhos tempos das candeias de barro iam buscar a Paris para as mãs púdicas os nénéisinhos talhados em âmbar e pétalas de rosa.

O mosteiro de Guadalupe com as suas quadrelas maciças, os seus torreões torvos e esgalgados, assente numa superfície de vinte mil metros, emerge na falda das serras Altamiras dentre o arvoredo e as casas da *puebla* com o ar misto de claustro e de cidadela. De facto, é uma mole compósita de estilos, desde o gótico ao plateresco, de belo e de mau gosto, de idealidade e de terrunho. Começaram a construí-lo depois da batalha do Salado e ainda lá andam alvenéis erguendo muros e acrescentando trechos à fábrica imensa. De assombroso, além do

Brito Camacho admirando o vôo das cegonhas no patto de Guadalupe

factor volume há a'i, porém, muito que enumerar, as portas de bronze historiadas, a formosa pia batismal de Juan Francés, a grade de ferro forjado que defende a ábside e altares, o retábulo em mármore polí-crômico revestido de belas estátuas, a talha do côro, o muscu de pergaminhos iluminados, os paramentos que os reis católicos, de visita ao santuário miraculoso, davam com mão generosa e liberal. Para os portugueses há ainda aquelas duas estátuas de príncipes lusitanos, a de D. Denis, filho de Inês de Castro, a que na crença de que se tratasse do rei lavrador os monges davam lugar de honra

ao centro da capela e D. Sebastião, zeloso das prerogativas reais, mandou recolher ao desvão da arcada, e o refeitório antigo dos Jerónimos convertido em *Museo de telas y bordados* em que o louco príncipe e o seu tio Felipe II tiveram conversações políticas. Foi aqui, ante o rosto franzido do Duque de Alba que lhe desaconselhava a aventura de África, que ele perguntou: *De que côr é o mêdo?* respondendo o Duque: *Da côr da prudencia, senhor!*

Viera com um séquito de mais de 500 pessoas, entre as quais 30 môços de câmara e 18 cozinheiros, por todos os logares de Espanha que pisasse proibidas estalagens e vendas de lhe cobrarem um ceitil, abrindo-se as cadeias em sinal de régosijo, e tratando por tôda a parte com tanta solenidade que, nos discursos de boas-vindas, transparecia a crença de que ia ajuntar o reino com o de Felipe II. Em Guadalupe levaram 15 dias praticando da paz e da

guerra, «revendo-se um no outro em amorosa suspensão», comendo e bebendo à tripa fôrra, porque ambos eram excelentes garfos, em banquetes que botavam aos seus 32 pratos. Quanto ao casamento, para a volta de Marrocos. Até lá, dada a sorte incerta das batalhas, não valia a pena cometer um acto que devia estar acima de tais contingências, tanto mais que a noiva orçava apenas pelos 10 anos. Mau negócio era o da guerra, mas para que o sobrinho se não apartasse descontente, dada a contumácia com que teimava em investir com o Maluco, prometia-lhe 50 galés e 5.000 homens de armas estipendiados à sua custa. A última vesânia ocorreu nas vésperas da partida. Porque lhe parecesse que o tio à hora de deitar lhe fizera cumprimentos como quem dá ali as despedidas por findas, atitude que, propondo-se D. Sebastião a partir com a alba, poderia ser ditada pelo peso dos anos, se não fructo de imaginação esquentada ficou tão sentido que, passando a noite nos aposentos de cá para lá a falar sósinho e a proferir ameaças, chegou no agastamento a escrever a carta que enviaria da fronteira a desafiar Felipe II para um duelo. A par com isto deu ordens para se abalar às 4 da manhã, noite cerrada no Janeiro. Fôram, porém, advertir o tio, homem de paciência e de humor, que se vestiu e às 3 h. lhe batia à porta dos aposentos!

— *Truz, truz! Hombre, es mucho dormir para quien daqui hoy cedo se quiere partir!*

Multidão heteróclita, vinda de todo o quadrante, Espanha e mais nações da Europa, vagueava pelo mosteiro, conduzida pelos frades. É costume darem êstes de almoçar aos forasteiros, ficando ao arbitrio a esportula por tal obséquio. É admirável foi que a mais de duzentas pessoas que surgiram para almoçar não faltasse nada que um paladar apurado exige, desde a pescada do alto, fresca que regalava, ao vinho de boa cêpa e licôres de marca. E até nisto parecia andar milagre da Senhora de Guadalupe, que fêz vencer a Albohacan, rei de Marrocos, à testa de 700.000 infantes e 53 mil cavalos, pelo diminuto exército luso-espanhol de 25.000 homens de pé e 14.000 ginetes, deduzindo-se que o infeliz D. Sebastião em lide análoga só por indiferença se não aborrecimento, da divindade se perdera com a sua desvairada gente.

Vista geral do mosteiro e povoação de Guadalupe



Aquilino Ribeiro.

MORREU o dr. Fortunato da Fonseca. Damos esta triste novidade aos nos-

sois leitores visto os jornais de grande informação terem uma certa relutância em prestar a última homenagem ao ilustre extinto.

Compreende-se... O dr. Fortunato da Fonseca, sempre inflexível na sua crítica, fôsse contra quem fôsse, e que na definição de Gualdino Gomes, "sabia arremessar longe o dardo com moço vigor", não contava com as simpatias da grande imprensa.

Daf...

O seu falecimento foi dado em meia dúzia de linhas, numa correspondência do Alandroal, e, quanto ao funeral, disfarçaram-no numa página oculta, como se da morte do seu mais humilde correspondente tratassem. A notícia, a nosso ver, fez-se por cálculo, e foi publicada para deitar poeira nos olhos de quem se aventurasse a esboçar um comentário de estranheza.

Não seria assim?

Em boa verdade, houve uma certa intenção de deixar ignorada a morte do dr. Fortunato da Fonseca. E porquê? Ire-mos sondar o inevitável *cui prodest?* dos clássicos tribunais.

Ignorando-se a morte do crítico amargo que não poupava ninguém, poderiam continuar a cometer torpezas que o remoço do Fortunato não voltaria a incomodá-los. Levariam até o seu cinismo a dizer: "Procedemos como gente séria. O Fortunato nada disse ainda."

Sim, um morto não poderia falar. Não voltaria à mesa dos cafés que frequentou durante mais de meio século com uma vivacidade de rapaz.

Há tempos, respondendo a um jornalista que pretendia entrevistá-lo, declarou: "Frequento o café — por indolência. Todos os dias saio de casa, meto-me no eléctrico e caio no café, insensivelmente — para descansar. Se o eléctrico não passasse aqui, não viria ter onde me vê... Andei no Martinho com a gente do Fialho e, depois, no Leão de Ouro com o grupo que tomou o nome do café; estive alguns anos na província a exercer clínica, e, quando voltei, encontrei tudo diferente do que fôra. Resolvi, por isso, frequentar a "Brasileira" do Chiado..."

Por ali se conservou. Durante mais de meio século foi o terror dos literatos e artistas de vária espécie que se propunham apresentar obra nova. Os próprios consagrados temiam-no.

A sua palavra sempre fácil, erudita e

UMA NOTAVEL FIGURA QUE DESAPARECE

A morte do dr. Fortunato da Fonseca

elegante, era, por vezes, impiedosa, mas justa. Quando aparecia uma obra literária, um novo quadro ou uma peça escultórica, perguntava-se, sempre nos cafés: — "O que dirá amanhã o Fortunato?"

Tendo todas as qualidades para ser um bom escritor, o dr. Fortunato da Fonseca limitou-se a deixar a sua obra como um perdulário, na roda dos seus amigos, em amena palestra na mesa dos cafés.

Formado em medicina, exerceu clínica durante alguns anos, abandonando-a, por



fim, por indolência. Proclamada a República foi eleito deputado às Constituintes, e mais tarde senador, tendo prestado relevantes serviços à Nação.

Emfim, era alguém.

Pouco antes de partir para o Alandroal, onde tinha o filho, que era todo o seu enlêvo, disse-nos: "Até breve! Vou vê o meu rapaz. Não me demoro..."

E não. Voltou até mais depressa do que poderia supôr!

O seu funeral foi modesto. Se a alma do Fortunato ainda pôde ver o seu funeral, deveria sentir-se satisfeita.

Encontrou ali um punhado de amigos, levados pelo coração e não um rebanho de "poseurs", frequentadores assíduos do "carnet mondain", em tôdas as suas fases.

O dr. Fortunato da Fonseca morreu como viveu. Saía da sua casa da rua Ferreira Borges como um Diógenes do seu tonel, vinha até ao burgo, e, rindo do bípede depenado dos modernos Platões, mandava afastar o próprio Alexandre que lhe tirava o calor do sol que não poderia dar-lhe.

No reduzido préstito que acompanhou Fortunato da Fonseca à sepultura não faltou Gualdino Gomes, o amigo querido de tantos anos.

Como a alma do Fortunato deveria sentir-se satisfeita ao sabê-lo ali!

E quantas coisas êles teriam a dizer um ao outro!

Aquele silêncio pesado como chumbo falava mais alto do que todos os difusores de vozes na sua maior intensidade.

Os poucos amigos que ali compareceram representavam uma multidão enorme.

Os que faltaram... êsses não chegaram a representar coisa nenhuma.

Teriam sido ingratos?

Nada disso. Ainda se tivessem limitado a sua falta ao feio pecado da ingratidão...

O seu gesto foi pior, muito pior. Cometeram uma vinganzinha que não chegou a atingir o alvo.

Se o Fortunato, em vida nunca se cofendeu com os seus despeitos, como poderia dar-lhes atenção depois de morto?

Como é triste recordar!

Dessa pleiade formidável de espíritos cintilantes resta-nos Gualdino Gomes que ficará sendo o último abencerragem duma geração privilegiada que tanto contribuiu para a depuração do nosso meio literário e artístico.

Se, vivendo, isto vai como vai, calcule-se o que seria se nos faltasse o último fiscal do bom senso.

Que Deus o conserve, pois.



«Boxe em combate», quadro de Jacques-Louis David, exposto no Palácio dos Desportos em Paris

desenhador dos primeiros planos de máquinas vo-lantes.

Se fôssemos enumerar quantos renderam ao desporto o tributo do seu ta-lento, seríamos forçados a uma verda-deira colectânea; no espírito dos artistas o desporto exerceu, e exerce, uma in-fluência superior à de banal motivo de inspiração e devemos considerá-lo como a verdade eterna a glorificar o homem nas mais puras aspirações de aperfeiço-mento estético.

Gradualmente, o artista converte-se, de espectador indiferente em intérprete apaixonado; no ambiente das manifestações desportivas encontra todos os elementos de sedução precisos para despertar o seu interesse, desde o colorido do cenário à emoção do assunto, desde a beleza das atitudes individuais e colectivas à vivaci-dade instável dos gestos, tão diferente do artificialíssimo sedição das posições acadé-micas.

Para os artistas contemporâneos, o desporto reveste ainda uma feição mais im-periosa porque, com a transformação dos costumes sociais, ele tornou-se uma das paixões místicas da vida moderna.

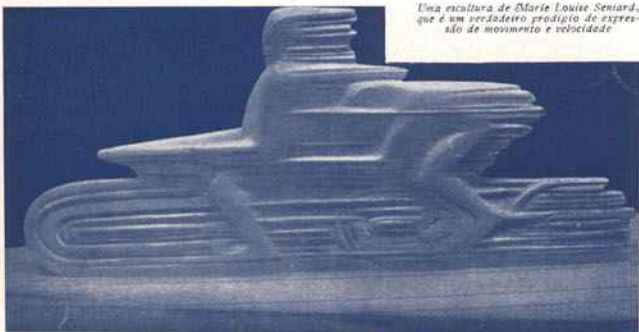
Quando, mais tarde, se pretender traçar a história dos nossos tempos, ficará registada como uma das características essenciais da época, esta aspiração insti-tiva de aperfeiçoamento físico manifesta-da na vaga de popularidade desportiva, e da qual farão testemunho as obras arrojadas dos artistas do nosso século.

Em Portugal são escassas as produ-ções artísticas de inspiração desportiva. Recorda-nos haver apreciado, há anos, duas magníficas telas reproduzindo fases de futebol e pintadas em França por Al-varo Canelas, que também possui no seu arquivo uma preciosa colecção de desenhos, infelizmente ignorados do grande público; no género não conhecemos mais nada, pois não pode merecer o título de obra de arte, aquele estalfermo alcinhado de discóbolo, colocado na Avenida da Liberdade para assustar os pardais.

■

A Semana da Criança, organizada com fins de assistência no final do passado mês de Dezembro serviu de pretexto à organização em Lisboa dum espectáculo

Uma escultura de Marie Louise Seniard, que é um verdadeiro prodígio de expressão de movimento e velocidade



QUINZENA DESPORTIVA

Coisas nossas e dos outros

desportivo de enorme êxito como propagan-da popular, e que marcou uma nota de ineditismo na pa-cata vida cidadina. O nosso colega "Os Sports", tomou a iniciativa de apresentar num local público uma festa nocturna de patinagem, desporto de elegante beleza e cativante emoção, pouco apreciado pelo meio porque a sua actividade escassa tem até hoje passado despercebida.

O Largo do Município, escolhido para local da festa, apresentou um aspecto extraordinário de dinamismo, e o público que acorreu em grande número partiu encantado com a revelação dum desporto interessante, alegre, animado.

O aspecto geral da vasta praça lisboeta era digno de ser observado. Em torno do recinto circular reservado às corridas, um anel negro de gente, num aglomerado compacto; pelas janelas de todos os edifícios, nas varandas da Câmara e do Ar-senal, muitas pessoas mais, tudo isto constituindo uma multidão vibrante, clamando o seu entusiasmo, aplaudindo as proezas dos vencedores, a energia e o brio dos vencidos.

Para os patinadores que participaram no certame, foi noite de festa grande. Nunca se haviam encontrado em tão vasto recinto e deram largas à sua ânsia de movimento, aproveitando o espaço da pista em todos os momentos favoráveis, por mínimos que fossem. Homens, senhoras, crianças, traçavam no círculo asfaltado caprichosas evoluções, isoladas ou em longas fileiras serpenteantes que o público aplaudia com agrado. O ambiente era de alegria, de feliz disposição e, vistos de longe, os vultos brancos ou coloridos dos patinadores pareciam ban-dos de aves esvoaçando harmoniosamente.

Seja qual fôr o ponto de vista sob o qual encaremos a organização, os resultados excederam certamente as previsões dos promotores; corrigidas algumas deficiências naturais numa primeira tenta-tiva, aproveitando os ensinamentos colhi-dos nesta experiência, a repetição da festa da patinagem alcançaria um triunfo; é uma ideia a aproveitar para qualquer empreendimento futuro.

Foi esta, certamente, a manifestação mais original da actividade desportiva portuguesa durante a quinzena transacta.

■

A Federação Francesa de Futebol atribuiu pela quarta vez o seu anual prémio literário destinado à melhor novela desportiva cujo assunto seja inspirado pelo futebol.

Foram recebidas este ano 428 produ-ções, das quais apenas oito foram admitidas à classificação final e a palma coube a um jornalista, ainda praticante do fute-bol, autor da novela "Pantagruel chez les joueurs de balle", obra de inspiração rabelaisiana, de excelente factura literária

e simultâneamente do mais fino humorismo. O vencedor recebeu a agradável soma de 2.000 francos, quasi três contos da nossa moeda.

Esta interessante iniciativa teve há dois anos, em Portugal, imitação, mas sem continuadores apesar de haver conhecido um êxito notável. No entanto, julgamos muito vantajosos os certames deste género, chamando para o desporto as atenções do meio intelectual; é inútil frisar quanto os escritores portugueses desconhecem, salvo raríssimas excepções, tudo o que se refere à actividade desportiva, que consideram uma banal materialidade, sem lhe haverem descoberto o espírito de arte, de vida, de movimento que reside nas suas mais insignificantes manifestações. E quando, por acaso, descobrem o desporto, é para proferir heresias, como o fez num dos seus primorosos contos um dos grandes mestres da literatura, chama-do ao basket-ball desporto náutico.

Tudo isto por desinteresse, por falta de contacto. Procurar a divulgação do desporto nos meios literários é um alto serviço prestado à causa e a mais eficaz acção de propagação.

Entre nós, infelizmente, não existem entidades dirigentes com a fortuna da proprietária e capitalista Federação Francesa de Foot-ball; mas a nossa

Desfile dos patinadores que tomaram parte nas provas do Largo do Município



congenere vive desa-fogadamente e bem poderia imitar a ini-ciativa, distraindo dos seus fundos, a título de propagação do football, a verba suficiente para dotar de maneira interes-sante um concurso anual de novelas des-

A DIREITA: Hockey em va-lões, quadro de Odner. Em baixo: Um aspecto do Derby de Epsom pintado por Gericault em 1852



curioso; os federativos espanhóis, alguns dos quais são sinceramente amigos de Portugal, desmentem cada ano, pela força das circunstâncias, as declarações cor-deais dos brindes e entrevistas. A cada Portugal-Espanha ouvem-se infalivel-mente categóricas garantias de repetição permanente; sempre, também, na época seguinte o encontro desaparece do calen-dário e o seu ressurgimento obriga a interferências dos dirigentes lusitanos.

Não devemos atribuir o facto a má vontade ou menos estima dos nossos vi-sinhos; mas a luta contra os portugue-ses, sobretudo em nossa casa, é sempre perigosa e os espanhóis têm, nela, tudo a perder e nada a ganhar.

Creio que a melhor forma de modifi-car em nosso favor a situação, seria con-seguir uma vitória que despertasse o de-sejo da desforra. No dia em que os joga-dores portugueses saírem triunfantes do terreno estará grandemente simplificada a tarefa diplomática dos dirigentes.

Por isso devemos, uma vez mais, con-gregar todos os esforços para o melhor resultado do encontro de Maio. Prepa-rem-se os jogadores com antecedência, trabalhando-os em conjunto para fazer dos onze homens uma equipa, coisa não tão fácil como parece à primeira vista.

Salazar Carreira.

A VISÃO DE ZAMENHOV



Luí Lázaro Zamenhov

Os esperantistas de todo o mundo festejaram no dia 15 de Dezembro o 75.º aniversário do nascimento do eminente polígrafo e grande educador Luiz Lázaro Zamenhov, criador da língua internacional Esperanto.

Esta comemoração veio enternecer até aqueles que nunca se dedicaram ao estudo, aliás fácil, desse idioma que pode ser considerado um instrumento aperfeiçoadíssimo de entendimento universal e mereceu ao grande filósofo Max Müller a classificação de "filtro lingüístico".

Não é nossa intenção fazer a apologia da língua Esperanto, embora a tenhamos na conta duma "maravilhosa tessitura lingüística, que possui um valor educativo e pedagógico de primeiríssima grandeza", segundo a interpretação dum mestre nestes assuntos.

O que pretendemos é fazer realçar a grandeza da obra de Zamenhov em pról da Paz Universal.

Aos 19 anos de idade, tinha elaborado já o seu programa da nova língua que só algum tempo depois deu à estampa e que provocou a maior sensação em todo o mundo. É certo que sofreu ataques que lhe trouxeram horas dolorosas de luta, mas nunca de desalento. Às perseguições que lhe moviam e aos vexames com que pretendiam feri-lo, respondia com a clareza do seu método em cujas bases deve-

ria assentar—julgava êle — a pacificação do Universo.

Quando em 1905 se realizou em Boulogne-sur-Mer o primeiro congresso internacional do movimento esperantista, tudo fazia crêr que a propaganda estava lançada e, como boa semente em bom terreno, começava a dar os seus frutos.

Meses depois, re-bentava a guerra russo-japonesa com todos os seus horrores.

O professor Zamenhov não desanimou. A sua intelligencia superior estava aliada a uma preserença formidável. Continuou a dedicar-se com todas as suas forças à divulgação da sua língua que

estabeleceria a união espiritual de todos os povos.

Em 1914, surgiu a Grande Guerra. Como poderia ser tão grande a malvadez humana? O apóstolo da paz, não desistiu e continuou com o mesmo afincio a difundir os ensinamentos do Esperanto que haviam de trazer os maiores benefícios à Humanidade.

Era difícil a jornada. Os passos do evangelizador da Fraternidade Universal eram tolhidos por montões de cadáveres imolados à ferocidade do homem.

Três anos, três longos anos levou êle nessa pavorosa senda de sangue, até que com a alma dilacerada por tantos horrores, se foi deitar na sepultura, onde finalmente deveria ter encontrado a paz que tão ardentemente desejava para o mundo inteiro. Morreu o autor da língua Esperanto em 14 de Abril de 1917, mas a sua obra ficou para dar os seus frutos na devida oportunidade.

Neste momento, pondo de parte todos os defeitos que os detractores da obra de Zamenhov possam apontar-lhe — o que não admira, pois o próprio Vítor Hugo está sendo ainda alvo das patadas de alguns onagrositos que por mal da sua estupidez indómita nunca poderão chegar a ser cavalos — devemos ter em conta a

intenção do sábio excelso ao imaginar um método fácil de todos os povos se entenderem com a maior facilidade sem ser necessário estudar dez ou vinte idiomas. "Uma língua universal adaptável a todas as raças e duma compreensão fácil-lima", eis como os mais notáveis glotólogos consideram o método de Zamenhov, em que existem lógica, eufonia, simplicidade e bondade. Não podemos negar que a base científica sobre a qual o Esperanto assenta, e a sua estrutura racional e matemática, formam um bloco indestrutível que há de ter, um dia, a função para que foi criado.

O famoso preceito evangélico "que todos sejam um" deve ser dito em Esperanto, porque só assim poderá ser devidamente compreendido.

O dr. Zamenhov, além de ter sido um especialista notável em doenças de olhos e de ter espalhado o bálsamo da sua ciência em todos os enfermos que dêle se acercavam, além de ter sacrificado os lucros da sua clínica para valer aos pobres que não podiam pagar-lhe os seus serviços, foi o maior obreiro da causa da Paz.

Não se limitou a tratar dos olhos dos pobres enfermos que o procuravam na esperança de lenitivo ao seu mal. Tratou também dos olhos da alma da humanidade inteira.

E aqui — como disse o apóstolo de Cristo — "não há pior cego do que não quer ver".

Se tudo pode ser resolvido sem as convulsões que espalham a morte e a destruição; Se todos os homens vieram ao mundo com iguais direitos, para que será necessário atirar com divisões armadas contra uma fronteira ou coalhar os mares com monstros de aço que vomitam metralha e horrores sem nome como os que terminaram em 1914?

É esta a função da Sociedade das Nações que tanto e tanto está fazendo em pról da Paz Universal.

Zamenhov quis que todos os povos se entendessem e lessem o Decálogo ideal do amor fraterno que é, no fim de contas, o que todos desejam.

E, assim, criou o Esperanto que, à semelhança duma flor silvestre, pode ser colhida por qualquer homem, seja qual for a sua pátria, ou a sua política ou a sua religião. Tornou tão fácil o seu método como fácil é o debruçarmo-nos sobre uma linda flor que parece sorrir-nos na orla escabrosa da vida que atravessamos,

Uma notável exposição de fotografias

INAUGUROU-SE no passado dia 29, na sala da Sociedade Propaganda de Portugal, ao largo do Chiado, uma notável exposição de fotografias de arte de Horácio de Novais, em que os incontestados méritos dêste jovem artista mais uma vez brilhantemente se confirmam.

Horácio Novais é um fotógrafo que tem de sua

A direita, o fotógrafo Horácio de Novais. Em baixo: «Esgrima»

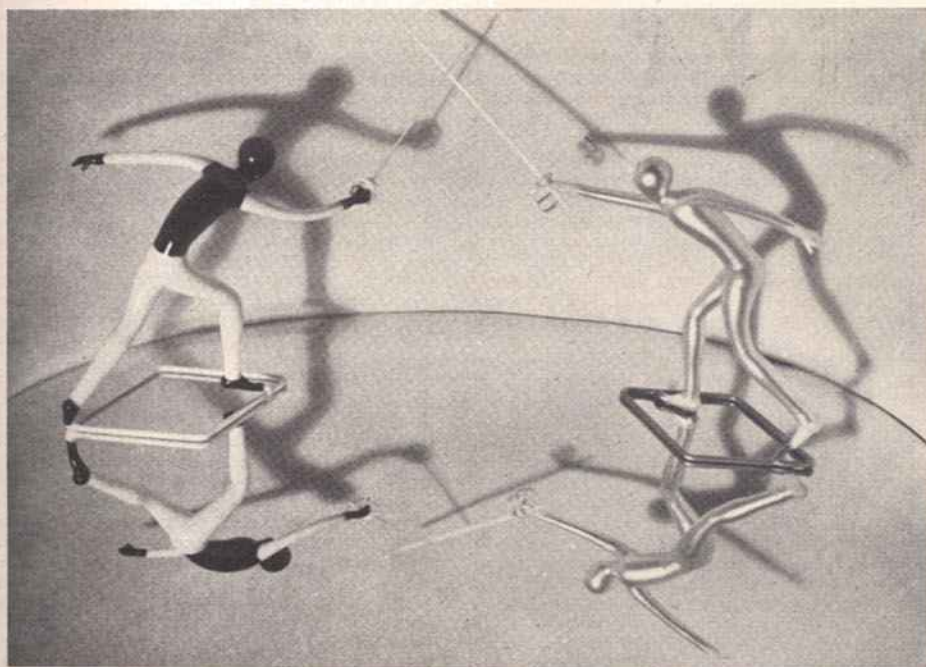


lenda dessa flor estranha. Mas Horácio de Novais não é apenas mestre no interior do seu estúdio. Sabe também, como poucos, trabalhar ao ar livre, fazer reportagem. E imprime a essa reportagem o mesmo elevado cunho artístico. Não faltam nesta sua exposição trabalhos que atestam o que dizemos. A série de fotografias das «Festas da Cidade» por exemplo, formam um conjunto de



imagens difíceis em que a virtuosidade do fotógrafo iguala o seu gosto artístico. Outras, como os aspectos panorâmicos de Lisboa, «Abobada de Verdura», «Viela sem Sol» e «As últimas folhas» confirmam esta opinião. Propositadamente reservamos para o fim as duas designadas sôb o título «Acrobacia», impressionantes fotografias de aviões evoluindo entre nuvens que a «Ilustração» também publicou com o merecido destaque por ocasião do Festival Aéreo na Amadora em homenagem à memória de Plácido de Abreu. Alongar-nos-íamos demasiadamente se quiséssemos fazer aqui referência a todos os trabalhos expostos que a merecem. Limitamo-nos, por isso, a aconselhar ao leitor uma visita, certos de que ela lhe proporcionará momentos de raro prazer espiritual.

«Rosa Orvalhada»



arte uma admirável intuição. Os trabalhos que nos apresenta revelam, não só uma técnica segura para a qual os mais recentes aperfeiçoamentos não têm segredos, mas também um elevado sentido do valor das imagens e dos jogos de luz e sombra.

Como verdadeiro artista, tem manifesta predilecção pelos temas de beleza pura. Avultam na exposição as fotografias de nus e flores. Das primeiras destacaremos «Beleza adormecida», «Decisão» e «Remorso», três estudos admiráveis de simplicidade e poder sugestivo. Das segundas merecem relevo especial «Rosa Orvalhada», Rosa desabrochada» e duas magníficas fotografias de orquídeas que a «Ilustração» reproduziu no seu último número acompanhando um artigo sôbre a

«A lição»





Neel pinx.

DERMINO D. Manuel I prosseguir as oceânicas empresas de D. João II — reijijas caravelas, dobrando o Cabo Tormentoso, de tão boa esperança para a posteridade, deixaram aberto o caminho a toda a navegação oriental — chamou à sua presença o filho do finado mareante Estêvão da Gama, e por esta maneira lhe falou:

«Vasco! Eu vos tenho escolhido para actor de uma façanha tam nova, que ainda não entrou nas vistas dos mortais. Chamando-te a ti, sei a quem encarrego, a pessoa de quem vindes, o esforço que tendes herdado, e que espero haverdes de cumprir. Por isso eu vos mando por esses mares de Cristo, descobrir e conquistar a Índia!...»

Pela serenidade do teu semblante, ao ouvirdes dar a vossa mais dura obsevância na Terra, eu vejo que vós a recebeis com júbilo. Essa calma do vosso espirito também me deixa adivinhar que tu tornejarás a Costa de Africa, ultrapassarás o Promontório das Tormentas, demandarás o Gólo do Oriente, chegarás a Calecute, e voltarás à nossa preclaríssima Lisboa!...

... Para uma tal façanha, eu vos mandei apparelhar no Tejo, com cento e quarenta homens de equipagem, as naus S. Gabriel, S. Rafael e Bérrio, e uma barca de alto bordo com tudo que vos haja mister. Tomai esta bandeira das sagradas Quinas, e ide... para que o Mundo se conheça a si próprio, e o dêtem a conhecer os portugueses!»

Dias depois, após uma vigília aos pés do altar da Virgem do Rastêlo, Vasco da Gama, com seu irmão Paulo, os capitães Nicolau Coelho e Gonçalo Nunes, e os pilotos Pêro de Alenquer, João de Coimbra, Pedro Escobar, Martin Afonso e Fernam Martins, seguido de muita clerezia, nobreza e povo, embarcava, levantava ferro... e partia!

Decorridos dois anos, já aureoladas em mares nunca dantes navegados do Indico, volveram a ancorar no surgidouro do Rastêlo as naus daquelle ousado argonauta; e foi então que, como a comemorar tamanho feito, no mesmo lugar e sitio em que existiam a ermida e o hospício de mercaderes dos Freires de Cristo, ambos fundados pelo Infante de Sagres, o Rei Venturoso mandou erguer o Mosteiro de Santa Maria de Belém — essa primorosa maravilha que levou o insigne Manuel de Faria a dizer que «nela se via, ao mesmo tempo, acompanhadas, a grandeza de curiosidade, de arte a architectura, e de preço a materia».

Para se iniciar a sua construção, ordenou o afortunado Senhor das Conquistas, se avaliassem, para depois serem pagas aos respectivos donos, as terras e as propriedades precisas, não só para a edificação do grandioso mosteiro, como tambem da sua vastíssima cêrca e das ruas que o haviam de servir. Assim se nasceram, successivamente, as travessas das Brasíliaes de Manuel Faria, do Terreiro, da Horta, do Guarda-Mór, do Serralheiro e da Rua Direita — a ampla arteria onde levantaram o Palácio dos nobres Duques de Aveiro, de sangue real de

D. João II, e tão fausto e aparatoso como os Paços Reais da Ribeira, de Enxobregas e do Castelo, e que mais tarde deca-parou, por haver o Tribunal da Suprema Junta da Inconfidência sentenciado que «ele fosse totalmente demolido até aos seus próprios alicerces, de modo a não ficarem vestígios de sua existência, sendo depois todo o chão salgado».

Tanto essas expropriações como as consequentes aberturas de ruas, vieram inaugurar auspiciosamente um periodo de grande prosperidade nos historicos sitios que o Infante D. Henrique, por ter empenhado na sua fauna náutica a Santissima Mãe do Nazareno, honrou com o nome de Belém, a cidade predestinada do Reino de Juliá, em que — diz o nosso immortol *Lustadas* — «para exemplo, Deus foi em carne ao mundo dado».

No dia solene dos Santos Reis Magos, do ano em que Pedro Alvares Cabral descobriu as Terras de Santa Cruz ou do Brasil, é que El Rei D. Manuel, assistido das Pessoas Reais, das dignidades da Igreja, da nobreza da Corte e dos altos poderes do Estado, e ás estridências do troar da artillaria, do repicar dos sinos, da consonância das charangas e das aclamações do povo, veio collocar no sitio aberto para os alicerces da porta principal do futuro templo, a primeira pedra do sacro edificio «que nas praias do mar está sentadão», e depositar no mesmo lugar um riquissimo cofre de prata, contendo moedas, dos três metais, batidas no seu reinado, e um Agnus Dei do Sumo Pontífice Alexandre VI.

Já um ano antes de tão festivo acto, pela muita devoção que o feliz soberano nutria por S. Jerônimo, figura que tanto illustrara a cidade natal do



Porta dos Jeronimos

O Mosteiro dos Jeronimos

padrão da epopeia dos descobrimentos

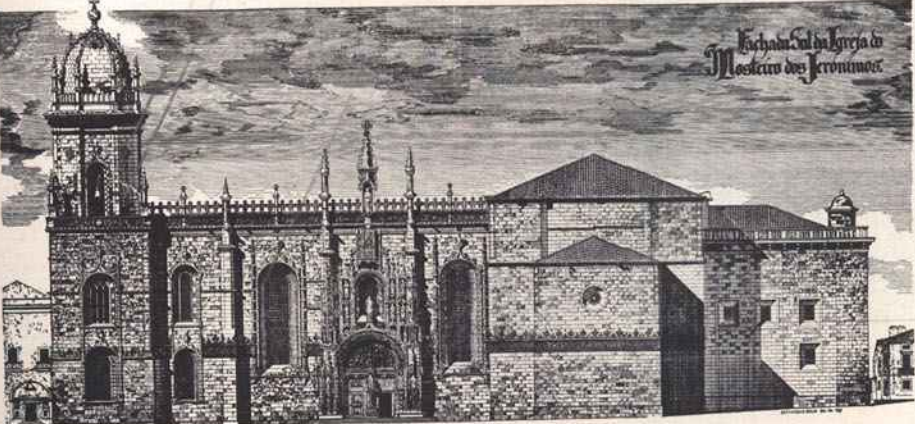
Rabi da Galileia e de quem o Papa Julio II lhe ofereceu uma valiosa imagem em porcelana, tinha doado ao referido mosteiro — que se resolvera dedicar à Mãe de Deus, na sagrada incarnação de Nossa Senhora dos Reis ou Santa Maria de Belém — aos religiosos jeronimos da regra de Santo Agostinho, a quem então confiou o cuidado da igreja e de seus officios divinos, como tambem de instruir na Santa Religião os marujos e chatins que ás suas praias aportassem, e que pertenciam à venerável Ordem dêsse Pai da Igreja latina, nascido em Stridônia, na Dalmácia, que fora fundada por Tomaz de Siene, em Italia, no tempo do nobro bravo Afonso IV; e que no ano de 1335 o lisboense Frei Vasco Martins vieria dêsse país, acompanhado de oito eremitas, feis dos quaes ficaram em Toledo) estabelecer vida asctica e penitente, no saudoso eremitorio de Penha Longa, nas serranias de Sintra.

Antes disso, para albergar esses monges, que se haviam comprometido à dizer todos os dias uma missa pela vida do Rei e outra pela alma do Infante, destinara aquillo hospício hermitico, existente no Rastêlo, para se curarem os doentes enfermos que ali desembarcassem, e que estava rodeado de pomares e de hortas com água, da qual os marinheiros se podiam servir para abastecerem os seus navios, sem mais encargo que o de rezarem um padrenosso e uma avêmária. Nêsse intuito, havia já feito transferir os seus primitivos localitários eremitas de feis dos quaes era Administrador e perpetuo Governador, para as dependências da sinagoga rabina da Judaria Grande, da cidade hebraica de Vila Nova de Gibraltar, na ribeira do Tejo, que elle acabava de converter ao culto cristão, sobre a invocação de Nossa Senhora da Conceição, com o fim de melhor acomodar a heresia de Cristo em Lisboa, estabelecida por sua irmã a Rainha Dona Leonor.

Logo com o dinheiro da vintena da Conquista da India, do rendimento das partes da Mina e dos tributos pertencentes ao Rei, começou-se a erguer na areia, sobre pontaleiros de pinho com virolas de bronze, magnifico Mosteiro de Belém e o seu maravilhoso Templo, que o soberano immediatamente escolheu para seu sepulchro e de sua descendência. E o cêo da grandeza de uma tal obra, que se ouviu no país, atraindo a ella um numero infinito de gente de servir e de trabalhar de jorna, fez que bastassem poucos annos para se ver reflectir a mais bem esculpida frontaria dos Jeronimos, nas aguas do aureolado Tejo — o triunfador do claro Oriente, que ao Tibre, ao Nilo, ao Eufrates nada inveja, e competições com o mar, ufano, apostea, de onde os Zarcos, os Eanes, os Bartolomeus, os Gamas, os Cabraías e outros discipulos de Neptuno, foram em busca do maior triumpho do Oceano.

Neste corpo manuelino do intuito edificio, que se encontram três das coisas mais dignas de admiração: os pórticos, as abobadadas, os pilares! Na parte exterior lateral ás naves, voltada ao sul, ergue-se o pórtico que, pela sua excelência, é uma das peças mais brilhantes desta jóia architectonica. Fica entre dois botarúcs, cuja forma quasi desaparece na profusão dos ornatos, no mais puro gótico-lusitano e renascentista-lisboeta. Dentro do espaço que o emprende um arco de volta inteira, alreem-se dois viãos que tecem no meio um manel rematado na base por dois leões, simbolo de S. Jerônimo, e que no centro forma um colonelno em cujo capitel se firma a estátua do Infante D. Henrique, apoiado na sua espada e vestido de armês e cofa de armês e faldos, e no mesmo nivel, estão as estatuetas dos doze apóstolos metidas em nichos, e por cima do remate da guarnição exterior do arco maior, e anteposta a um janelão ladeado por figuras de santos, expõe-se a imagem de Nossa Senhora dos Reis, orago do templo. Toda esta aptose do cimel remata-se já nos lavores da cimbalha do telhado, com a escultura do arcangjo S. Miguel, abrigada num esguio baldaquino rematado pela Cruz de Cristo — esse simbolo de oito pontas, que o Rei D. Manuel, além da esfera armilar,

Fachada sul dos Jeronimos, segundo de senho de Bernardino Coelho



Kichuan sul da Igreja do Mosteiro dos Jeronimos

pousa Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, Vice-Rei da India e Almirante dos Mares Orientais, pois que, como reza a historia, a 13 de dezembro de 1521, dia de Santa Luzia, lançou-se o seguinte prego: — «Ovide! Ovide! Ovide! — Chorai Nobres! Chorai Povo! Chorai a morte do vosso Rei, que vos governou com justiça e amor de Pai!»

Então, aberto o seu testamento, no Real Paço da Ribeira das Naus, constatou-se que, em 7 de abril de 1517, estando ainda de perfeitã saúde, testemunhou pelo Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, e pelo Conde de Vila Nova — para isso reunidos no Convento de Penha Longa — legava ao Mosteiro de Belém, uma larga consignação para se ir prosseguindo com as obras, a Custodia que mandara lavrar a Gil Vicente com o primeiro obra vindo do tributo de Quiloa, e a Cruz Grande que tambem pertencia ao seu tesouro, assim como a Biblia que andava arrecada no seu guarda-roupa, e que, como affirmam, fora escrita à pena em Florença por Segismundo Ferrarensis e Alexandro Versanus, e illuminada, na mesma cidade, por Luca Sinigaglia, e Adriano Fiorentini, Frabartolomeu de S. Marcos, Nicolau de Lira, e outros artistas da escola de Pietro Perugino, mestre do celebrado Raffaello Sanzio. Foram as verbas consignadas neste documento, accrescidas com as provenientes da esmola régia de vinte e cinco moios de trigo, que permitiram a D. João II, com os renascentistas capellas do transepto, o surpreendente cruzeiro gótico-manuelino, onde se admiram os pulpitos que Luiz Filipe de Orleans, Rei de França, mandou copiar ao Barão de Taylor, quando este seu architecto veio expressamente reproduzir em gesso um dos formosos pilares, de empolgante attitude oriental, que surtam a sua cúpula, e concluem, em iguais estilos, o resto do soberbo edificio; e à Dona Caterina — Rainha que, com os mesmos intuitos altruistas de seu cunhado D. Pedro, estabeleceu, neste convento, vinte Mercencias para Cavaleiros pobres e honrados que tivessem servido em Africa ou nas Conquistas — construir a vasta capella-mór, decorada de colunatas d'ôrco e apaineladas de Gregório Lopes, que destinou para sua jazida, e para onde pousosamente fez trasladar os restos mortais de seus sogros e de seu marido — culto soberano em cujo reinado se instituiu a Alfândega de Lisboa, fundou a de Coimbra, iniciou a Colonização Ultramarina Portuguesa, e estabeleceu o Grande Império Asiatico Lusitano.

O Mosteiro de Belem que, como a sua vizinha Torre de São Vicente, está demarcando o ponto cardeal de onde se tiraram as primeiras linhas de navegação para a circumferência do Gólo, depois de D. Sebastião lhe testar as imagens e as reliquias do seu oratório ao partir para a fatal jornada de



Vasco da Gama e o seu autografo

Alcácer-Quivir, — de D. João IV sepultar nele o Principe Teodósio, no mesmo escano em que mais tarde se depuseram os corpos de Afonso VI e da lusa rainha britânica Dona Caterina, — de D. Pedro II lhe doar o sacrificio de prata debuxado por Josefa d'Olidos e dar mais digno túmulo ás cinzas do Cardeal D. Henrique e ás supostas ossadas do Rei Desejado, — de Dona Maria I reconstruir a parte do còro que o terremoto de 55 fizera derruir, — e, finalmente, de D. João VI decorar melhor a sala onde se exveio a encontrar o momento inicial de sua decadência, quando as tropas de D. Miguel I foram vencidas pelo exercito de seu irmão D. Pedro IV.

Deve então, essa síntese da audácia da Raça desamparada dos desvelos dos monges jeronimos, foi perdendo, ano-a-ano, mês-a-mês, dia-a-dia, os valores do seu incomparável tesouro, o recheio da sua excelente livreria, os painéis das suas avultadas dependências, os pomares da sua dilatado cêrca, o jardim do seu precioso claustro, ficando, tão somente, as nobres e pesadas paredes do padrao da maior e mais assombrosa Epopeia do Mar: dêsse Mar, argênto espelho da nossa Terra!... dêsse Mar, eterno orgulho de Portugal!

E. Raposo Bitalho.

Festejos do Natal

As comemorações do Natal decorreram êste ano dentro dos moldes tradicionais. Foi como sempre a festa da Família, cheia de intimidade, que só se denunciou nas ruas e estabelecimentos por uma maior animação e movimento.

Dos seus aspectos exteriores há apenas a registar o Natal do Sinaleiro, interessante iniciativa em favor d'esses valiosos colaboradores do automobilista, e a Semana da Criança empreendimento altruísta que obteve felizmente o mais lisonjeiro êxito. Os estudantes de Lisboa prestaram-lhe o seu generoso concurso, organizando peditórios, sob a forma de pitorescos cortejos que percorreram as ruas da cidade.

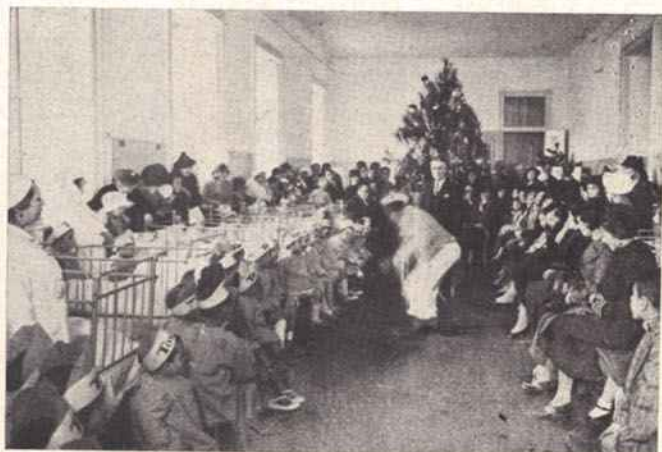
Em tudo o mais, o Natal decorreu no ambiente do costume, que suaviza desgraças e estreita laços de amizade. Esperemos que assim continue a suceder.



A voz da Fortuna. Dois aspectos da extracção dos prémios da grande lotaria do Natal. A' esquerda, o pregoeiro que anunciou o segundo e terceiro prémios. A' direita, a leitura do numero dos 6.000 contos. Como é costume, enquanto se procedia a extracção aglomerava-se no Largo Trindade Coelho uma enorme multidão que aguardava com vivo interesse o momento de ser conhecido o numero contemplado com «a grande».



No passeio oriental do Rossio improvisa-se na época do Natal êste popular mercado de brinquedos conhecido pela designação de «tudo a dez tostões».



No hospital de D. Estefânia os doentinhos não foram esquecidos. Organizou-se para êles uma festa infantil, iniciativa da sr.ª dr.ª D. Sara Benoitel, que obteve o melhor êxito.



Por iniciativa do Automovel Club de Portugal realizou-se em Lisboa no passado dia 24, o «Natal do Sinaleiro». Os donativos recolhidos foram numerosos.

Aspecto do pitoresco peditério organizado pelos estudantes a favor das crianças pobres.



O animal mais nobre e inteligente

À semelhança do que se está fazendo nas grandes capitais, Lisboa deve inaugurar quanto antes uma exposição de gatos. Deve esta atenção ao mais



nobre dos animais que é e há-de continuar a ser Sua Excelência, o Gato.

Além disso, o gato é elegante e uma exposição de bichanos tinha de resultar imponente magnífica e cheia de beleza.

Eis um alvitre que todas as senhoras que têm alguma consideração pelos animais nossos amigos devem apoiar com o maior entusiasmo.

Nas longas noites de inverno, quando o marido sai para os cafés e regressa, quando regressa, altas horas da madrugada, o gato ali fica como companheiro dedicado enroscado aos pés da desolada senhora ou a brincar com o novelo do *tricot* em que ela se entretém para tornar menos longas as horas que terá de esperar.

O gato, o amigo do lar, é o melhor companheiro que podem escolher.

No entanto, caluniam-no, atribuindo-lhe defeitos de toda a espécie.

Acusam-no de ser egoísta e ter a maior indiferença até pelo próprio dono. Não é bem assim. Antes de tudo, devemos ter em conta que o nosso amigo gato não



aceita a condição de escravo que pretendem dar-lhe, e, portanto, não tem dono. Entrou, um dia, para a nossa casa, e passou a fazer parte da família como qualquer pessoa. Pelo menos, êle assim o entende.

Não é pródigo nos seus afectos, mas sabe ser afeiçoado a quem lho merecer. É comodista? isso deve êle ter aprendido com a melhor gente da nossa primeira sociedade.

O gato tem sido caluniado

Porque não se faz uma exposição de gatos em Lisboa?

em proveito do cão que muitas pessoas classificam de muito mais inteligente. Não é verdade. O cão, na sua subserviência, obedece cegamente ao dono, chegando a ir buscar o chicote para levar com êle.

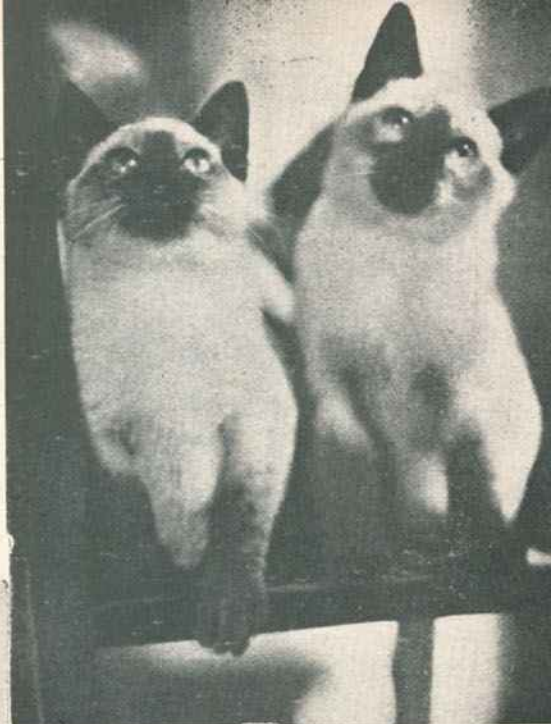


Não tem a noção do aviltamento a que se sujeita, não repara que com tais actos desce da sua dignidade. Há homens assim.

O gato não. Nunca ninguém nos veio dizer que qualquer bichano, mesmo educado na viela mais reles, tivesse cometido qualquer acto menos digno para o seu prestígio muitas vezes secular.

O gato é um príncipe quando se trata da nobreza da sua linhagem, e um verdadeiro tático quando exhibe as suas artes de caçador.

Quando um galgo corre sobre uma lebre, esta usa, por vezes, cortar rapidamente a qualquer dos



lados da sua carreira, despistando o seu perseguidor.

Com o gato não sucede assim. Paciente como poucos, é capaz de estar horas e horas junto dum buraco por onde o almejado rato há-

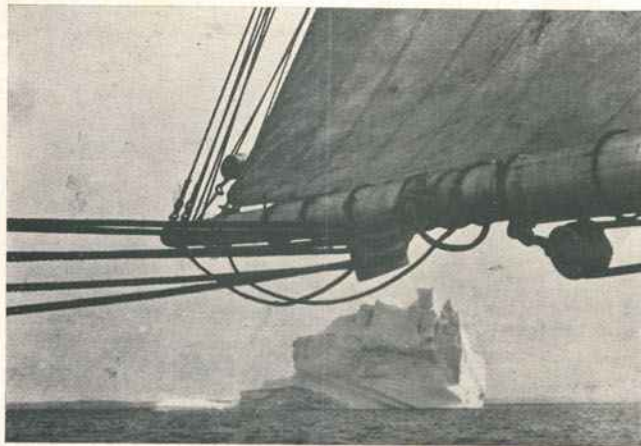
de surgir, e consegue o seu fim. É cruel, por vezes, não matando imediatamente o rato que teve a desgraça de lhe cair nas unhas. Brinca com êle. Finge largá-lo, dando-lhe a ideia da liberdade, para em seguida voltar a fitá-lo e moê-lo antes de lhe dar o golpe de misericórdia.

Vimos um gato perseguir uma borboleta através dum campo do Minho. A



mariposa, ora descia, ora subia, forçando o gato a executar uma dança que deixaria estarrecida a própria Isadora Duncan. Em dado momento, a borboleta meteu-se numa manilha curta que se encontrava ali para consertar uma canalização. O gato, que poderia ter enfiado pela manilha, como qualquer cão teria feito, colocou-se dum lado, mas vedou a outra abertura com a patinha, não fôsse a borboleta escapar-se por ali.

Como animal inteligente preferimos o gato.



QUANDO em meados do século XVI, o grande navegador inglês sir Martin Forbisher, de regresso das suas aventurosas viagens ao Atlântico Norte, relatou que um dos navios sob o seu comando sossobrava em virtude de ter chocado com uma montanha de gelo flutuante, a Humanidade teve pela primeira vez conhecimento dum terrível perigo que ameaçava a navegação nas proximidades dos mares polares.

Ora Forbisher viveu de 1535 a 1594. Explorou as costas do Sul da Groenlândia, atingiu o Labrador e a Terra de Baffin até á baía que ainda tem o seu nome. Tomou parte na luta de que resultou a destruição da "Invencível Armada" espanhola e prestou a Henrique IV relevantes serviços. Trezentos e quarenta anos decorreram já sobre o seu falecimento, e os *ice-bergs* continuam a ser um dos terrores dos navegantes que cruzam o Oceano, apesar do muito que se tem feito para reduzir o perigo.

Está ainda na memória de todos o trágico naufrágio do grande transatlântico "Titanic" que em 14 de Abril de 1912 chocou contra um gigantesco *ice-berg* muito ao Sul da Terra Nova. Na espantosa catastrophe pereceram quasi todos os passageiros e tripulantes, pois o navio, com um enorme rombo no costado, foi a pique dentro de poucos minutos.

Não foi o "Titanic", infelizmente, a única vítima dos traiçoeiros *ice-bergs*. Mas a sua perda assumiu proporções tão dramáticas que a organização duma campanha destinada a eliminar o perigo, apresentou-se desde esse momento como uma necessidade inadiável. Estabeleceu-se para esse fim um plano de

cooperação internacional. Todos os governos interessados contribuem para a vigilância dos mares que é feita dia e noite por um certo número de barcos especialmente apetrechados para esse fim.

Sempre que um *ice-berg* é avistado de bordo de qualquer embarcação, quer se trate dum paquete de passageiros, dum navio de carga, dum barco de guerra ou duma embarcação particular, compete ao capitão assinalar o facto por T. S. F. aos postos competentes, que centralizam estas informações e as transmitem aos navios em rota, a fim de os pôr de sobreaviso contra qualquer encontro inesperado.

No seu comunicado rádio-telegráfico o capitão do navio indica o volume e forma do *ice-berg* avistado, a direcção em que se desloca, a sua velocidade e a máxima distância provável que atingirá. Estas



Um *ice-berg* sobre o qual se avista um bando de pingüins

O MISTÉRIO DOS "ICE-BERGS," A luta contra as montanhas de gelo perigosos escolhos flutuantes que ameaçam os navegadores

indicações, ligadas ao conhecimento das correntes marítimas, habilitam os postos de vigilância ingleses e norte-americanos a prever a marcha das montanhas de gelo e, por consequência, os navios cuja segurança elas podem ameaçar.

Todas estas precauções não evitam, porém, uma vez por outra, desagradáveis surpresas.

Outro meio mais radical de suprimir o perigo consiste em fragmentar os *ice-bergs* por meio de explosões de dinamite.

Essas grandiosas montanhas de gelo oferecem aos olhos do viajante que com elas depara em pleno oceano, um espectáculo de inolvidável beleza. São enormes montanhas de gelo que flutuam mansamente ao sabor das vagas. Medem por vezes trinta metros de altura por trezentos ou quatrocentos de largo. O seu comprimento chega a atingir um quilómetro. E note-se que esta é apenas a parte visível, pois quatro quintas partes da massa total mergulham na água.

Uma montanha de gelo dessa natureza representa um peso de muitos milhares de toneladas. Compreende-se, pois, quais serão as consequências do seu encontro com as cinquenta mil toneladas dum grande transatlântico.

Devido ao seu grande volume os *ice-bergs* chegam por vezes a atingir latitudes muito baixas, embora a temperatura mais elevada do acabe por fundir inteira-

mente. Um dos aspectos mais surpreendentes destes escolhos flutuantes é a sua coloração, que as fotografias que ilustram estas páginas não podem, infelizmente, reproduzir. Coada através do gelo, a luz



A água, correndo a base d'este *ice-berg*, transformou-o num arco fantástico

solar toma cambiantes singulares. A montanha resplandece duma claridade opalina, ora rosacea ora azulada, por vezes cor de ametista.

A acção dos raios solares e das vagas dá, por vezes, aos *ice-bergs* formas estranhas, esculpe nêles vultos fantásticos. Aqui são longas agulhas que lembram catedrais góticas feitas de cristal. Mais além, vultos alongados e monstruosos que se afiguram animais pré-históricos. Por vezes, o bater das vagas corroi o centro dos grandiosos blocos e o *ice-berg* é um grande arco sob o qual poderiam passar os maiores navios e que parece manter-se em equilíbrio por milagre.

A origem dos *ice-bergs* é um mistério que os sábios se esforçam por desvendar.

Sabe-se que elles resultam do desprendimento de grandes massas de gelo dos glaciares que circundam as costas das terras polares. Mas os motivos que influem nêses desprendimentos são quasi ignorados.

A ciência não conhece ainda explicação para o facto de o número de *ice-bergs* variar consideravelmente de ano

para ano. De Março a Julho as zonas perigosas são, como já dissemos, conscienciosamente patrulhadas por navios encarregados de vigiar a marcha dos *ice-bergs*. Pois durante o período correspondente de 1929 o número de *ice-bergs* assinalados atingiu a cifra "record" de 1350. Ao



O urso branco e frequentador habitual dos *ice-bergs*

passo que, em 1931 só dois foram avisados.

Facilmente se compreende que o conhecimento dos factores que determinam estas grandes variações interessa grandemente à ciência, pois só elle pode contribuir para que se descubram meios de pôr termo ao perigo.

Por acôrdo internacional, o ano de 1932 foi dedicado a estudos polares.

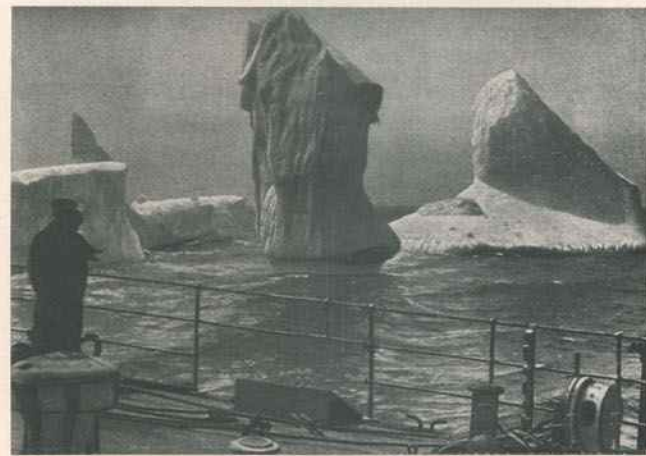
Quasi todos os países do mundo contribuíram para esse fim, instalando postos de meteorologia nas frígidas regiões árticas e antárticas. O principal objectivo

desses estudos era a climatologia mundial que os sábios supõem intimamente ligada aos fenómenos atmosféricos dos pólos. Mas outro ponto que mereceu também cuidadas observações foi a formação dos *ice-bergs* e o deslocamento.

Os frutos desse trabalho não podem, no entanto, ser já colhidos. Alguns anos mais terão de decorrer antes que os homens da ciência possam pronunciar-se.

Uma apertada vigilância é, pois, o único meio de poupar á fatal contingência dum encontro inesperado, até ao dia em que a ciência teria descoberto as causas da deslocação dessas enormes massas de gelo para o Oceano e dispuser de meios para a evitar.

Nisto consiste o mistério dos *ice-bergs*, as gigantescas montanhas do gelo, que, á semelhança das sereias da fábula, deslumbram o navegante ameaçando-o com os mais terríveis perigos.



Uma montanha de gelo dividida em fragmentos por uma explosão



Locomotiva em marcha
o ser. E
é isso
exactly
mente o que sucede
com esta.

A tendência mais significativa da vida moderna é a aceleração. Visto com olhos filosóficos o Homem dá-nos o curioso espectáculo de correr atrás do tempo no desejo de o alcançar, talvez mesmo de o ultrapassar.

O fenómeno presta-se a divagações que o leitor decerto já fez no remanso do seu quarto, quando lá lhe chegam os ruídos abafados da agitação trepidante que vai cá

UM IDOL MODERNO

A ânsia de velocidade

expressão de luta do homem contra o Tempo

diminui de dia para dia, desde que o cinema tempo. Recusam-se a erigir a velocidade em ídolo. E sou a contar as mesmas histórias em alguns minutos de projecção.

Dai as profecias sombrias que os apóstolos de tempos modernos lançam ao vento, por entre a turba que se agita possessa do demónio da velocidade.

Diz-se que a velocidade é característica do nosso tempo. Mais acertado seria defini-la como factor específico da nossa civilização. É que o seu imperio limita-se aos povos saídos do ramo europeu. Os outros, apoiados na sua experiência milenária, desdenham dessas supostas vitórias sobre

vida moderna. Fitou os olhos em quem lhe dirigia a sugestão e observou com voz tranquila:

— Pouparíamos... E que fariamos depois desse quarto de hora?

Calou-se embaraçado o estadista britânico. Como nós próprios muitas vezes teremos de nos calar se pusermos à nossa cons-

Impressão de velocidade



ciência a mesma pergunta indiscreta. Que fazemos do tempo que ansiosamente procuramos ganhar correndo velozes para os nossos destinos?

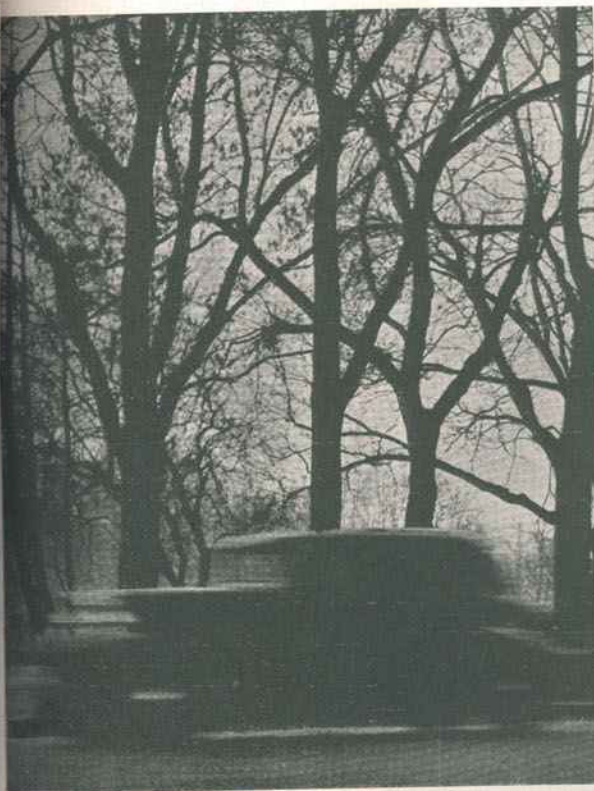
Já atrás nos referimos a um dos perigos que a velocidade representa para o progresso do espírito humano, limitando a meditação e o estudo. Mas há outro que também merece cuidada análise.

A aceleração progressiva da vida não se faz sem graves consequências para o equilíbrio fisiológico. É facto averiguado que a velocidade traz consigo o nervosismo e toda a extensa série de perturbações mentais características da nossa época.

Podrá o organismo humano resistir e adaptar-se ao aumento indefinido da velocidade?

Há que considerar a insatisfação do Homem. Fala-se já nos mil quilómetros por hora. Será uma etapa, mas não uma meta. Depois de a ter atingido o Homem ambicionará conquistar novos "records". Subirá para isso à estratosfera. E acabará por lançar-se no espaço planetário, no dia em que o nosso Glóbo já for pequeno para as suas ambições de velocidade.

Avião: imagem fugidia dum automóvel
Em baixo: Um «expresso» galgando quilómetros

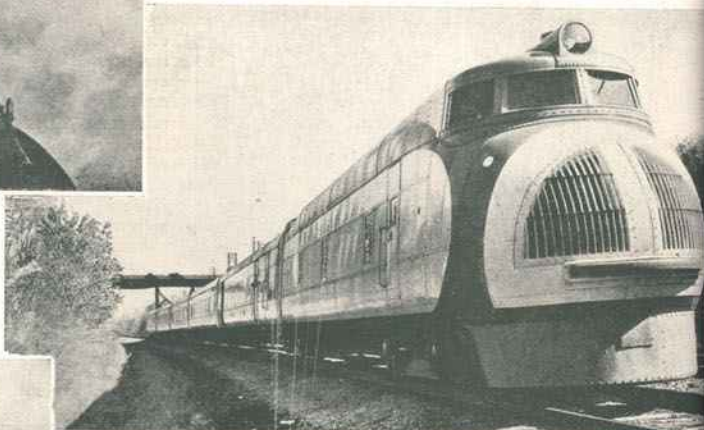


Há uma anedota, que se dá como autêntica, e que resume quanto se possa dizer a este respeito.

Gandhi, o chefe do movimento da emancipação da Índia, esteve há alguns anos em Londres a convite dos governantes ingleses que esperavam demovê-lo da sua obstinada oposição à política imperialista da Grã-Bretanha.

Para fazer as visitas oficiais, o "mahatma" seguia geralmente a pé, cercado pela correcta curiosidade dos londrinos. Certo dia, um dos estadistas ingleses que o acompanhavam sugeriu que fôsem de automóvel.

— Pouparíamos um quarto de hora — afirmou. Gandhi é um índio. Tem dentro de si o espírito de uma raça que não compreende a vertigem da



DIZER que vivemos sob o signo da velocidade é lugar-comum que ninguém pode exprimir sem incorrer em evidente delicto de mau gosto.

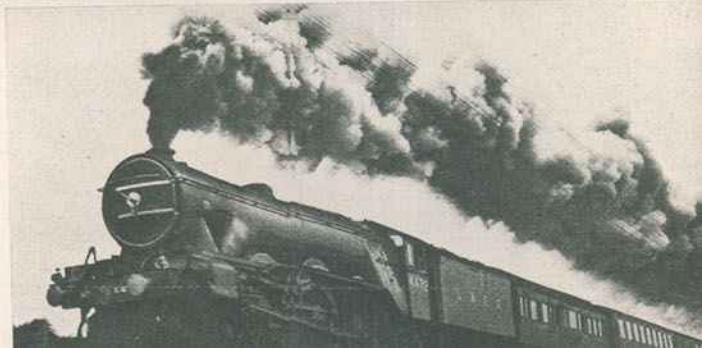
Mas, mesmo fatigantemente repetida, em verdade não deixa por isso de



por fóra. Mas só nessas ocasiões. Porque se sair e mergulhar na corrente sentir-se-á arrastado pela mesma vertigem da velocidade, pelo mesmo desejo frenético de ir mais depressa, de chegar mais cedo. E nesse caso não pensa. É por isso que a filosofia — e de uma maneira geral todas as ciências especulativas — perdem adeptos a olhos vistos.

Este último facto lança o alarme entre os pensadores. A Humanidade inteira embriaga-se de velocidade. Já não pensa. Nem lê. A imagem substituiu o livro. O número de pessoas que consagram o seu tempo a ler um romance

A esquerda: o trimotor. — A direita: o comboio suíço





A mais recente foto de Norma Shearer.

ricana, em cujas mãos de arqui-milionário se concentra a quasi totalidade dos jornais que os Estados Unidos lêem.

Quais os motivos da protecção que o poderoso capitalista dispensa à actriz?

Não o sabemos nem esses pormenores íntimos nos devem interessar.

Vejamos agora as causas da saída de Marion Davies do elenco da Metro. Entre esta artista e Norma Shearer existe de há longos anos a esta parte uma ostensiva rivalidade. A ruptura do contrato de Marion representa o primeiro recontro grave na luta surda travada entre ambas.

Norma Shearer é casada com Irving Thalberg, um dos

NOS BASTIDORES DO CINEMA

A rivalidade entre Norma Shearer e Marion Davies

dirigentes da Metro. Daí o dizer-se que aquela empresa lhe atribue excessiva importância na distribuição dos papeis. Pretendia-se que lhe eram sempre destinados os melhores argumentos. Joan Crawford e Jean Harlow disputavam entre si os de segunda categoria. Myrna Loy e Marion Davies tinham de contentar-se com os restos.

Verdadeira ou injustificada, esta acusação acabou por estabelecer funda rivalidade entre Norma e Marion Davies. E cada filme que qualquer das duas "estrelas" produzia era novo motivo para despeitos e acerbas críticas de parte a parte.

A situação foi-se agravando até que, ultimamente, os directores de produção designaram Norma Shearer para interpretar o filme "Os Barrett da rua Wimpole". Era um argumento tentador, de êxito assegurado. Marion Davies ficou furiosa e resolveu desforrar-se.

Manifestou então vontade de incarnar Maria Antonieta, segundo a famosa obra de Stefan Zweig do mesmo título, cuja realização estava já há algum tempo prevista. Seria uma criação sensacional que a cobriria de prestígio e lhe daria o grato prazer de ofuscar, por algum tempo, o nome de Norma Shearer.



O actor W. C. Fields com dois gémeos que com ele tomam parte na interpretação do "David Copperfield". Filme que se está realizando segundo a conhecida obra de Charles Dickens

Marion Davies declarou guerra à Metro. E para abrir as hostilidades, rompeu o seu contrato e foi assentar arraiais no estúdio de Warner Bros, para onde transferiu também, claro está, o apoio financeiro e a influência do rei dos jornais norte-americanos.

Sobre as vingativas intenções que determinaram esta atitude não pode haver qualquer dúvida. A Warner Bros tornou já público que o próximo filme de Marion Davies será "A rainha alegre", que é, nem mais nem menos do que uma biografia romanceada da infeliz Maria Antonieta.

As duas actrices vão pois defrontar-se em papeis idênticos, com grande curiosidade do público que segue interessado as diversas fases desta rivalidade que promete sensacionais surpresas.

Mas o mais curioso é

Virginia Bruce e o seu famoso galgo russo



que Marion Davies obteve já a primeira consolação para a ferida do seu amor próprio. A Metro foi obrigada a adiar por largo tempo a realização da sua Maria Antonieta. E pela simples razão que Norma Shearer vai ser mãe pela segunda vez e só poderá voltar à cena daqui por uns dez ou doze meses.

Este despique entre as duas "estrelas", tem ainda um outro aspecto curioso. Randolph Hearst é um dos chefes do Partido Democrático, cuja influência política é enorme, sobretudo após a subida de Roosevelt ao poder. Ora a Metro é uma empresa republicana. Se até aqui a ingerência de Hearst nos seus negócios contrabalançava essa tendência, a verdade é que o equilíbrio se rompeu. A passagem do célebre multi-milionário para a Warner Bros, que é também democrática, corresponde, portanto, ao fim da trégua política há muito tempo tacitamente estabelecida entre os produtores norte-americanos.

Nestas condições, muitos dos que seguem de perto a marcha da indústria cinematográfica, profetizam sem hesitação uma guerra aberta entre democratas e republicanos. A ser assim, a produção de filmes assumiria um caracter político, facto inédito na história de Hollywood.

Há ainda outro facto do mais alto interesse a considerar. Como dissemos, Hearst é detentor da maior parte dos jor-

nais americanos. A publicidade gratuita que estes davam à Metro vai reverter agora em favor da Warner Bros. E pense o leitor nas graves consequências que pode trazer à primeira o silêncio sistemático da grande imprensa sobre a actividade dos seus estúdios.

A questão está neste pé, que como vemos se apresenta pouco propício para a Metro. Que vai resultar daqui?

Significarão os factos que apontamos o início da decadência da poderosa empresa em cujo elenco têm figurado os nomes mais célebres do cinema?

Não o sabemos dizer. Mas não seria esta a primeira vez que o ódio duma frágil mulher põe termo a gloriosos destinos.



Uma inquietante attitude de Virginia Bruce

Os meios cinematográficos de Hollywood acabam de ser agitados por uma notícia cujo alcance talvez à primeira vista passe despercebido ao leitor, embora possa vir a ter fundas consequências na indústria dos filmes.

Trata-se apenas disto: Marion Davies rompeu o contrato que a ligava à Metro-Goldwin-Mayer. A partir de 1 de Janeiro do ano que começa não interpretará mais filmes para essa empresa. É a Warner Brothers, outra grande firma produtora que passará a dedicar a sua actividade.

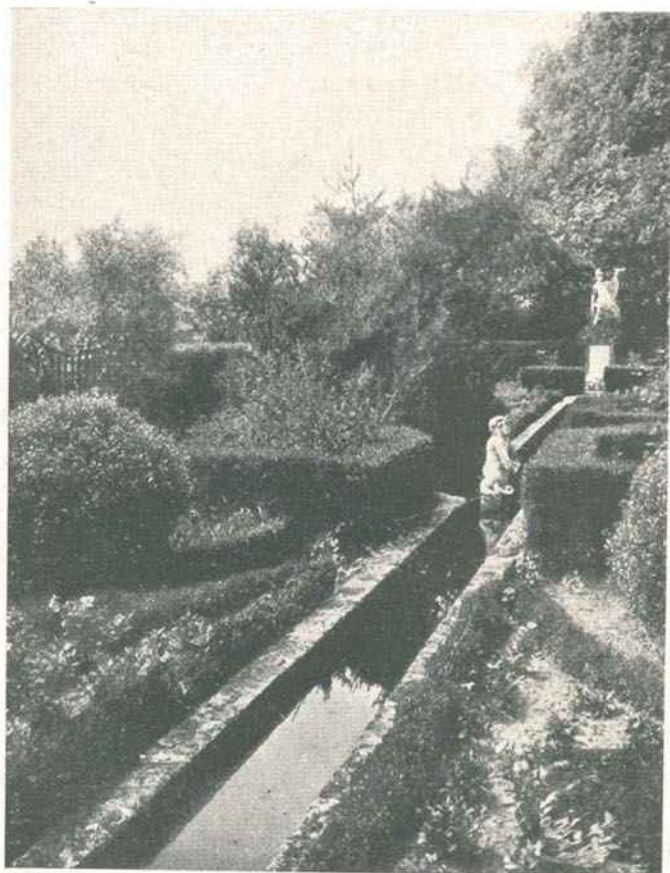
Que significação pode esse facto ter na marcha duma das primeiras indústrias dos Estados Unidos, dirá consigo mesmo o leitor? Todos os dias nos chegam notícias de "estrelas", de tanta ou maior celebridade que Marion Davies, terem rescindido os seus contratos, sem que o facto venha influir sensivelmente no curso dos negócios.

É verdade. Porém no caso especial de que se trata estão em jogo poderosas forças ocultas e não é fácil prevêêr o que resultará do embate que entre elas se vai produzir.

Parece-nos interessante levantar uma ponta do véu e relancear os olhos por esses misteriosos bastidores da grande cidade do cinema.

Sabe o leitor quem comandita os filmes em que a graciosa Marion Davies nos aparece? Pois é, o famoso William Randolph Hearst, grande magnate da Imprensa norte-ame-

Marion Davies



Jardins de Itália

monstro de pérfidos e cruéis instintos e de artística e poética ambição.

Entre os jardins de Roma o que mais fortemente me impressionou foi o jardim Rospigliosi conhecido de todos os que se interessam pelas Galerias de Arte.

Meio dia incandescente, um sol ardentíssimo iluminava violentamente a Cidade Eterna, onde apenas havia um pouco de fresco nas velhas ruas estreitas, apertadas entre velhos palácios de majestosa arquitectura. O calor era sufocante.

Ao subir a escadaria de pedra do palácio Rospigliosi onde me atraía a sua célebre galeria

e êsse teto deslumbrante onde Guido Reni êsse génio da pintura fez uma das suas maravilhas com o triunfo da Aurora, tive a surpresa encantadora de encontrar um jardimzinho em vez do átrio que esperava.

Um desses pequenos jardins apertados entre muros do velho palácio tão frequentes em velhas cidades.

Um jardimzinho cheio de belas árvores, árvores de encanto, magnólias maravilhosas, floridas com as suas flores que parecem pombas poisadas, exalando o seu capitoso perfume, tão violento, que entontece. Magnólias meladas algumas, com êsse ar cansado de quem viveu e de quem amou.

Pimenteiras ardentes a que o sol quentíssimo extraía o seu cheiro extranho que lembra longíquos e equatoriais paizes. Fontes, muitas fontes, cheias de lindas avencas, que os repuxos refrescavam continuamente num doce murmúrio que se prolonga pela água que vai correndo em canais de pedra musgosa refrescando a atmosfera pesada de calor e de perfumes. Estátuas brancas espreitando entre a verdura essa verdura carregada e às vezes requeimada dos países onde o verão é ardente como a alma dos seus habitantes.

Ao longe uma balastrada em mármore branco espreitando curiosa um pátio interno. Flores poucas, rosas vermelhas de aveludado tom, algumas, e tão vermelhas, tão vivas outras, como manchas fortes de sangue, como se nesse jardim tam embriagador, tam belo, só podessem nascer flores vermelhas, flores de paixão!

Como é perigosa a atmosfera dos jardins de Roma, dessa cidade onde através

da cidade cristã, da cidade escolhida para residência do vigário de Cristo na terra se sente viver e respirar a Roma pagã de todos os instintos, de todos os prazeres. E' ali, nesses jardins dum ar de torturada satisfação, que até quem do amor foge sente pena de não amar, que se compreende porque se chama à Itália o país do amor.

Toda essa atmosfera ardente que a água em cristalinos repuxos de onde caem irisadas pérolas não consegue refrescar, nos fala de aventuras de amor. Inocentes amores de raparigas puras e jovens apaixonadas, amores que terminaram num casamento, trágicas aventuras que o sangue salpicou e que lançou no luto famílias do patriciado romano. Manchas vermelhas que as rosas revivem, essas apaixonadas rosas do velho jardim do palácio Rospigliosi...

Entre as árvores a fachada sumptuosa do palácio duma pedra doirada pelo sol ardente, essa pedra romana que tem o tom da branca pele duma mulher loira, tostada pelo sol, encimada pelos mais artísticos baixo-relêvos, pondo nesse jardim de paixão e sonho, essa nota de grandiosidade e de Arte, que tudo tem em Roma, que tudo tem em Itália, desde Palermo até Milão, do mar Tirreno ao Adriático. Pouco a pouco fui-me dirigindo ao palácio onde a curiosidade artística me chamava, lutando com o bem estar que nesse jardim sentia.

Era com custo que abandonava o jardim onde as lagartixas luziam ao sol, num ar de beatitude invejável, no meio do silêncio que a verdura tornava mais sensível e que só era interrompido pelo murmúrio das fontes e pela água que das avencas caía em pérolas de cristal, para os estreitos canais.

Fui procurar emoções de Arte nos salões do Palácio, admirar a famosa "Aurora," que exaltou Reni, êsse pintor de que tanto gosto. Mas nesse primeiro dia de visita à bela Galeria e à "Aurora," a minha emoção artística, a minha admiração, não foram superiores à doce emoção que senti ao subir uma escada vulgar, vinda duma rua ardente de sol e de calor. Uma dessas calcinadas ruas da velha Roma, e, encontrar-me inesperadamente nesse delicioso jardim, como que suspenso no ar, entregando-se completamente ao sol ardente do meio dia, exalando numa força de vida os seus aromas tão fortes e tão embriagadores, de luxo, de magnólias, pimenteiras e rosas vermelhas, temperando o ardor dessa voluptuosa atmosfera com o canto suave e melancólico das suas águas.

Que jardim que me fez sentir a vida, a natureza. Jardim exuberante de vida e de força, apertado entre velhos muros da cidade de Roma, essa velha Roma que em certos bairros parecia morrer e naquele verdejante cantinho tão fortemente vivia.

Maria de Eça.

CADA país tem a sua característica que em tudo se manifesta, nas cidades, nas casas, nas avenidas, nas ruas, nos jardins. De cidade para cidade há diferenças, mas em todas elas há afinidades, certas ruas, certas praças que lembram muito as de outras cidades já vistas. Mas é sobretudo nos jardins que se nota mais do que em qualquer outra coisa essa afinidade.

E na Itália nesse país tão atraente mais do que em qualquer outra parte os jardins conservam êsse ar único, que se me conduzissem com os olhos fechados a um jardim de Bolonha, de Siena, de Florença ou de Roma, saberia logo que estava em Itália. Há nos jardins italianos personalidade tal, digamos assim, que se não confundem nem poderão nunca confundir com os jardins de qualquer outro país. Sentimos neles a sua história tão cheia de beleza e de horrores. Nesses jardins nós respiramos a atmosfera de amores ardentes e de crimes tremendos. Nêles sentimos perpassar, no aroma dos buxos tôda a voluptuosidade duma raça e nos labirintos, nos esconderijos, vemos a traição a espreitar, o brilho dos punhais escondidos em dobras de capa, como a cara se escondia sob a mascarilha de veludo.

Mas entre os jardins de Itália são os de Roma os que mais nos fazem sonhar e mais ao passado nos transportam. São jardins onde vemos viver a vida de séculos, onde como nos jardins do Palatino, sentimos viver tôda a vida do Império romano, vendo quasi nos seus bosques de limoeiros, flutuar a túnica de Nero embebido em poética contemplação. Êsse

CINEMA

NOVOS FILMES

ENTRE os filmes que marcam uma data na evolução da arte cinematográfica tem lugar de destaque «Variedades» que E. A. Dupont realizou há bons dez anos com Emil Jannings e Lya de Putti como intérpretes. Nenhum cinéfilo da velha guarda, digno desse nome, esqueceu essa obra notável em que as unidades clássicas da tragédia grega, servidas por uma técnica modelar, causaram ao tempo o maior assombro.

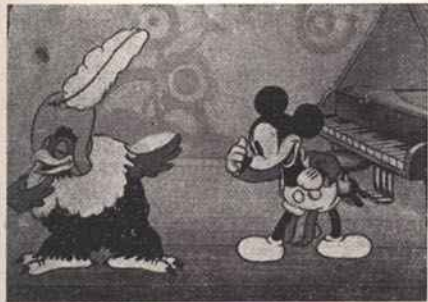
Vem agora a notícia de que o filme vai ser reeditado, com o que só temos a felicitar-nos. Serão feitas duas versões, uma em francês outra em alemão. Para a primeira citam-se os nomes de Annabella e Pierre Blanchard.

A realização das duas caberá ao encenador Farkas.

Nos estúdios da «Fox Film» terminou há pouco tempo a realização dum filme que foi já exibido em sessão privada e que parece destinado a alcançar enorme êxito em todo o Mundo. É uma produção de grande espectáculo que o título de «A Primeira Guerra Mundial» e baseia-se na obra «A grande guerra em fotografia» de Laurence Stallings.

Poderia julgar-se à primeira vista que se trata de mais um filme de guerra, no género que o cinema tão exaustivamente tem explorado. Na realidade, porém, o filme recomenda-se pela sua original corrupção, que se afasta muito da de quantos até hoje se têm concebido.

«A primeira guerra mundial» não consiste apenas numa reconstituição de algumas fases do



conflito que ensangüentou o Mundo. Recua um pouco no tempo e mostra-nos a marcha inexorável dos acontecimentos que desencadearam a guerra.

O filme abre com uma cena em que se vê Bismarck, o «chanceler de ferro», discursando ao povo alemão. Seguem-se imagens dos principais chefes do Estado que intervieram na conflagração e aspectos dos incidentes que levaram à declaração da guerra.

Comerciantes prudentes, os produtores prepararam diversas versões modificadas segundo a mentalidade dos países em que hão de ser exibidos.

Chegou a vez à França de se empenhar na realização de um grande documentário sobre a guerra de 1914-18, dedicado à memória dos que se bateram por ela. Pretende-se que essa produção seja uma história da conflagração quanto possível imparcial e objectiva, que se destinará

a fazer compreender aos povos o interesse vital que há para todos na manutenção da paz.

Pierre Mandru e Alexandre Ryner, que tomaram a iniciativa desta obra, obtiveram para ela o patrocínio prestigioso do grande estadista Gaston Doumergue.

Fred Perry é um dos mais célebres campeões de «tennis» da Inglaterra. A notícia de que ia abandonar a actividade desportiva para se dedicar ao cinema em Hollywood causou, por isso, grande sensação no público seu compatriota.

Perry esteve recentemente na Califórnia e aí travou íntimas relações com pessoas altamente



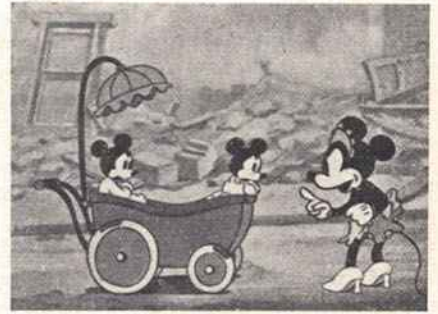
colocadas na indústria do cinema. Foi-lhe proposto um contrato vantajoso para trabalhar como «assistant producer». Aceitou e entrará em funções logo que termine a «tournée» de «tennis» que está fazendo pela Austrália e Nova Zelândia.

Na grande sala de espectáculos da «Ufa», em Berlim, estreou-se no mês findo uma película intitulada «Trinta anos de História», cujo interesse parece inegável a pesar dos objectivos de propaganda política que a animam.

A História agitada do mundo nos últimos trinta anos é evocada neste filme por uma série extensa de documentos cinematográficos em que figuram muitas personalidades em destaque, entre outras Joffre, Foch, Hindenburgo, Barthou, o ex-imperador Guilherme II e Wilson. Alguns desses documentos são de altíssimo valor. Tal é o caso da última fotografia da família imperial russa, dos aspectos do casamento de Carlos de Habsburgo com Zita de Bourbon, das cenas que precederam e seguiram o aten-



Quatro cenas extraias dos filmes de desenhos animados, obras de transbordante fantasia que nos revelam o cinema na plena posse dos seus assombrosos recursos



tado de Sarajevo. À medida que o filme vai correndo surgem na tela, em imagens autênticas, factos quasi esquecidos como a última visita do rei de Inglaterra ao Kaiser, outros que se apresentam sob os mais inesperados aspectos, como uma longa série de sensacionais reportagens filmadas da Grande Guerra. Vem depois a revolução russa. Lenine e Trotsky ocupam o écran, um arengando ás multidões, outro dirigindo as fases finais da luta na frente oriental. Após a guerra, assiste-se à queda de alguns tronos, ao advento do bolchevismo e, por fim, à vitória do nacional-socialismo que, escusado é dizê-lo — o filme pretende apresentar como o único caminho da felicidade possível para o povo alemão.

Max Reinhardt está trabalhando activamente em Hollywood na realização do «Sonho duma noite de verão», segundo a obra imortal de Shakespeare. O célebre encenador teatral propõe-se seguir tão de perto quanto possível o texto do genial escritor inglês. Reinhardt manifestou sempre grande predilecção por cenas faustosas e grandes montagens. Assim, as suas primeiras palavras ao penetrar no estúdio foram: — Até que enfim! Vou ter espaço.

E assim está sucedendo. Reinhardt faz montar cenários grandiosos sob o olhar inquieto dos produtores. Vem a propósito dizer que estes não se atrevem a fazer a mais ligeira observação. De facto, Reinhardt só aceitou o contrato com a condição de lhe ser garantida a máxima liberdade. Nenhuma sugestão lhe pode ser feita, o que representa da parte dos produtores norte-americanos uma transigência que só o grande prestígio de Reinhardt justifica.

O grande artista alemão tem-se mostrado particularmente difícil na escolha dos intérpretes. Entre os que já estão designados contam-se James Cagney, William Powell, Ian Hunter e Anita Louise. O papel de Hermínia será confiado a Josephine Hutchinson que o realizador escolheu depois de a ter visto no filme «Happiness Ahead».

A dança terá em «Sonho de uma noite de verão» um papel da mais larga importância. A artista russa Bronislava Nijinska terá a seu cargo a direcção dos corpos de baile.

O príncipe Jorge, cujo casamento com a princesa Marina da Grécia constituiu o acontecimento de maior retumbância dos últimos tempos, é um cinéfilo entusiasta. Por esse motivo não dispensou durante a «lua de mel» o seu divertimento favorito. Como se sabe, após as suptuosas cerimónias do casamento, os noivos foram residir para Heineley Hall, histórico castelo que Lord Dudley pôs à sua disposição. Antes de partir, o príncipe escolheu, porém, alguns filmes recentes com o fim de serem projectados em Heineley Hall durante a sua permanência ali.

NÃO há maneira de convencer as mulheres a restringirem as suas incursões, no campo da actividade masculina, num círculo prudente e elegante.

Elas querem forçosamente igualar o homem, e, já que não podem nada contra as leis da natureza, toca a macaqueá-lo nas suas funções sociais.

Ainda se pode aceitar a mulher, ombreando com o seu eterno antagonista, nas artes e na literatura. Aí está ela muito bem, porque essas ocupações não brigam com a beleza e a graça femininas.

Suporta-se a mulher-médica e a mulher-advogada, porque o seu mistér pode ser um sacerdócio de bondade, beneficiando corpos e almas.

Mas que a filha de Eva se queira meter em cavalarias altas de administradora de dinheiros e valores, é que não há direito.

Vejam vocês essas criaturas que usam como apelido a mais linda estação do ano, e sôbre as quais têm chovido impropérios como granizo no inverno.

É que se a mulher pouco sabe de administração, — e algumas nem com os cobres do ordenado dos maridos conseguem governar a sua casa — ainda menos sabe da arte de escamotear seja o que fôr.

Viram a Kasfikis, no Ginásio? Fazia lindamente as sortes de prestidigitação, mas aprendeu com o marido. Teve mestre em casa e treino à farta.

Querer improvisar-se prestidigitadora sem mestre, não dá nada.

É sempre "gato escondido com o rabo de fora".

Ainda não apareceu um Raffles nem um Arsène Lupin de saias, nem aparece. Quando muito uma "sovaqueira" como a famosa Giralдина e mais nada que preste. Essas burlonas que surgem lá pela

A masculinização da mulher

estranja são casos esporádicos, abórtos.

Convençam-se, minhas senhoras, de que os homens nos são superiores em tudo: No bem, como no mal.

Querendo imitá-los à fôrça e sem limites, provocamos o suicídio da nossa fraqueza, que é a nossa única arma para os vencer.

Esta coisa da igualdade dos sexos só tem tido um resultado, e êsse assustador: afastar o homem da mulher, numa distância progressiva.

Sabem, por acaso, de alguma paixão amorosa, como aquela que Camilo nos mostra no seu *Amor de perdição*, e mais a outra das *Pupilas do senhor Reitor*, de Júlio Diniz?

Não sabem, com certeza, e, se ainda, em algum recanto da terra, há um amor assim, é uma questão de herança atávica de um remoto antepassado.

É que as mulheres dantes olhavam pela sua casa, bordavam e faziam renda, aos serões, e não falavam calão.

E, quanto a negócios, isso era lá com os seus homens.

Ficavam contentinhas, quando êles lhes

entregavam no fim do mês, o ordenado que elas puxavam até "joindre les deux bouts", que é como quem diz fazê-lo chegar até ao mês seguinte.

O homem, então, adorava a mulher, fazia dela o fito essencial da sua existência. E tinham motivos para assim pensar.

Era linda, a ingênuidade das raparigas casadoiras.

E que bonita, que fulgurante vitória, a do homem, quando conquistava, de corpo e alma, uma mulher assim!

Hoje em dia, com estas raparigas quási rapazes, dá vontade de fugir. A sociedade dos seus amigos parece, aos homens, idêntica à sua frequência feminina.

Os mesmos modos desabridos e livres, e na bôca pintada o mesmo fraseado de descaramento.

Se os homens ainda suportam a mulher, é unicamente, tenham disso a certeza, por imposição fisiológica. O coração já não se mete nessas coisas, agora.

Alguns tomam uma hora de convívio com a sua parceira, como quem toma uma pílula confectionada na farmácia, com receita médica.

Nada mais existe na ligação de dois seres que se uniam pela razão dum amôr aparente a cobrir um tédio enorme como uma ténue camada de açúcar a ocultar um pudim de amêndoa amarga.

Resta o divórcio que é como quem diz a última tábuca de salvação para umas e de perdição para muitas outras. Abalanço-me a acusar a mulher e atribuir-lhe a maior parcela do mal que a aflige.

Acuso.

Ah! agora me lembro que me vão, talvez, dizer que estou em desacôrdo comigo mesma, neste palavreado, por que tenho cantado e quási louvado, em altos sons, as conquistas da mulher nas atribuições do homem.

Mas já tenho a resposta engatilhada e vou disparar.

Factos são factos, e toda a revolta é inútil, quando êles se consumam.

Um vencido nunca é um convencido. Vocês bem o sabem.

O corpo cede, mas a alma continua alimentando os mesmos ideais. É isto ou não é?

Temos que transigir com o que nos repugna, aparentemente só, forçados pelas circunstâncias.

Também nós todos detestamos a morte, e temos que aceitá-la, como lei iniludível e fatal.

Mercedes Biasco.



Mulheres-girafas



PELOS circos mundiais, exibem-se estas mulheres de raça «Padoung» cujo pescoço se alonga devido ao uso de muitos colares metálicos.

PELO MUNDO FORA

Acidente espectacular



Na corrida dos seis dias em Nova York, os ciclistas Deulberg e Wissel chocaram com violência quando seguiam à máxima velocidade. O instantâneo acima mostra um aspecto do imp. esionante desastre.

A beleza no Oriente



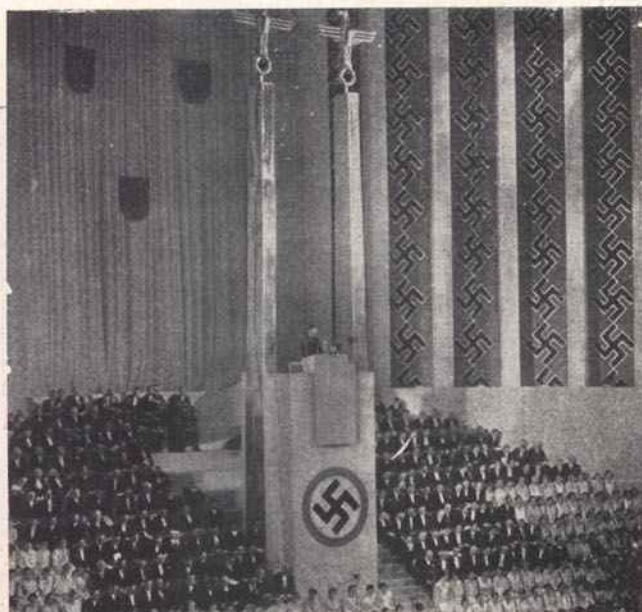
Esta gravura mostra a chinesa que se classificou em primeiro lugar num concurso de beleza realizado em Xangai, e que causou sensação.

Estúdio incendiado



Nos grandes estúdios cinematográficos da empresa Warner Bros, situados a pouca distância de Hollywood, declarou-se um violento incêndio que destruiu a maior parte dos pavilhões. Ficaram feridas no sinistro quinze pessoas. Só ao cabo de muitas horas de luta os bombeiros conseguiram dominar as chamas. Os prejuizos materiais são importantíssimos, sobretudo porque a produção de filmes terá de ser durante algum tempo muito reduzida.

Arte lírica na Alemanha



No Sportpalast de Berlim realizou-se uma festa de arte lírica que teve retumbância nos meios musicais de todo o mundo. Tomaram parte as principais orquestras e grupos corais da Alemanha. Nesta gravura acima vê-se um imponente aspecto da sala no momento de Goebbels pronunciar o seu discurso.

Julgamentos de terroristas japoneses



EXISTE no Japão uma associação secreta conhecida por «Irmandade Negra», cujos membros são acusados de grande número de crimes políticos, entre os quais o assassinio do antigo chefe do governo Inukai. O tribunal que os julgou, condenou os dirigentes à pena de prisão perpétua e os cúmplices a alguns anos de cadeia. Na gravura vêem-se os reus ouvindo, de pé, a leitura da sentença.

Propulsão por explosivos



O inventor alemão Gerhard Zucker realizou há dias experiências de transporte de correio por meio de foguetões entre Hampshire e a ilha de Wight. A experiência não deu resultado mas o inventor não se dá por vencido.



«O Chico das Pêgas»

A famosa peça «O Chico das Pêgas» de mestre Eduardo Schwalbach voltou à cena e sempre com a mesma mocidade. O êxito de há 23 anos repete-se — e cada vez com mais razão. Os originais portugueses são tão pouquinho que chega até a parecer que já não há quem escreva para o teatro. Por isso, «O Chico das Pêgas» estreado no Teatro Apolo em 1911 e representado agora no Variadas tinha de agradar. Na gravura que publicamos aparece o ilustre dramaturgo Eduardo Schwalbach rodeado pelos intérpretes da sua peça, no final do 1.º acto, na noite da primeira representação.

O glorioso autor da «Cruz da Esmola» ainda honrará o Teatro Português com mais algum original? Ao menos, para estímulo dos novos (se é que eles existem) seria um grande benefício e de toda a oportunidade.

Estamos tão fartos de adaptações confessadas e até encobertas!

Ivone Santos



Esta notável pianista marcou finalmente os seus triunfos, conquistando o cargo de professora do Conservatório de Lisboa. Joven ainda — uma criança — Ivone Santos, que tantas vezes nos deliciou com os seus concertos musicais, interpretando magistralmente os grandes clássicos, vai agora educar outras crianças que há-de tornar — temos a certeza — dignas dos seus ensinamentos e da sua delicada arte.

Alexandre Cadarso

A Academia das Ciências prestou há dias uma justa homenagem ao ilustre catedrático espanhol Alexandre Cadarso, cujo elogio foi feito pelo professor Henrique de Vilhena. Foi o sábio Alexandre Cadarso que, há quatro anos, fundou na Universidade de Santiago de Compostela o Instituto de Estudos Portugueses, convidando a darem nêle as suas lições abalizados professores nossos compatriotas. Deve-se-lhe, portanto, um grande esforço em prol do inter-câmbio cultural hispano-português.



Dr. Pacheco de Amorim



PROFESSOR universitário dos mais conceituados, discípulo dilecto e um dos continuadores da obra do sábio dr. Gomes Teixeira. O seu alto valor está demonstrado sobejamente no seu famoso Compêndio de Geometria. Enquanto uns se dedicam às belas letras, embora arrufados, por vezes, com a gramática, outros procuram saber e para isso procuram os bons professores.

Ora, felizmente, ainda há bons professores em Portugal. A prová-lo está a obra do dr. Diogo Pacheco de Amorim que recomendamos aos estudiosos.

FIGURAS E FACTOS

Dr. Alberto Xavier



«ROMANCE» é o título dum livro do dr. Alberto Xavier mas não oculta uma novela, como à primeira vista poderia parecer. «Romance» é um magnífico estudo sobre os romances desde o seu início, e indispensável em todas as estantes. Desta obra esplêndida que revela a grande cultura do seu autor, o único senão é a má escólia do título.

Paulo Freire (Mário)



O fogoso polemista Paulo Freire, que já nos deu belos livros de versos e obras de erudição e consciencioso estudo, também sabe escrever novelas. A publicada agora — «A espia negra» — é empolgante, não só pelo seu entechado como pela profunda análise que encerra.

Deve ter um grande êxito, já pelo seu autor como pelo interesse que o assunto tratado vai despertar.

José Rodrigues



Más um poeta que surge a contar-nos em lindos versos a «Parábola do meu sonho» e prometendo para breve um «Cancioneiro do Mar». Lê-se depressa o seu livro porque é pequeno e porque é lindo e singelo. Ainda aprecia os prefácios que, a nosso ver, são muletas de que um homem vário não carece. As pombas, quando ensaiam o seu primeiro voo, embora vacilantes, voam sempre sósinhas.

José de Esaguy



O festejado autor da magnífica obra «Marrocos» continua a prestar os mais relevantes serviços ao seu país nas terras africanas que Portugal foi o primeiro a conhecer.

Como escritor, como chanceler da legação, e como patriota bem merece da Pátria que tanto ama.

Rosa Silvestre



A ilustre escritora Rosa Silvestre acaba de publicar mais um livro «A Estrêla do Norte», novela infantil que há-de ter o êxito das obras precedentes. Escrever para as crianças é função difícil, podendo dizer-se que há muito poucos escritores em Portugal com essa rara qualidade.

D. Maria Lamas (Rosa Silvestre) possui esse condão.

Ferreira de Castro



Os livros do ilustre escritor Ferreira de Castro estão sendo apreciados no estrangeiro, honra que a poucos escritores portugueses tem sido dispensada. «A Selva» — um dos seus livros mais belos — acaba de ser traduzido em inglês por Charles Duff e publicado numa elegante edição que poderá servir de modelo às portuguesas.

Festas de caridade

«PÃO DE ROSAS»

O «chá de caridade» que se realizou no salão de meza do Aviz Hotel, o nosso primeiro hotel de luxo da capital, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade a favor de várias pobres doentes, patrocinadas pela mesma comissão, constituiu sem dúvida alguma, uma verdadeira parada de mudanismo, oferecendo o vasto salão um aspecto encantador, estando literalmente cheio, recordando-nos ter visto em redor das pequenas mezas de «Mah-jong», «Bridge» e «Bluff» entre outras as sr.^{as}:

D. Gilda Auziello de Mesquita Guimarães, D. Maria do Carmo Contraceiras Machado, Condessa das Galveas, Condessa da Ponte e filha, Condessa de Maira, Condessa de Castro Marim, Condessa de Cabral, Viscondessa de Silveiras, Viscondessa de Sacavém, Viscondessa da Mercena, Viscondessa de Atouguia, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Octávia Guedes Cau da Costa, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Cristina Resende da Silva, D. Josefa Contraceiras, D. Estefânia de Macedo Dias D. Berta Ortigão Ramos, D. Palma Valhin Neves, Macieira, D. Rita de Somer Pereira, D. Maria Eugénia Babosa de Guimarães Serolho, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Horamina Pereira Cardoso, D. Alice Sousa Melo, Senhora Dr. Barreto, D. Maria de Barros e Sá, D. Cristina Cordeiro Roquete, D. Elisa Talone Ferreira, D. Rita Barros e Sá, D. Maria D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Sofia Zafrany Gagy, D. Maria Eugénia Quaresma, D. Henriqueta da Costa Campos, D. Ernestina Mendes de Carvalho, D. Adeline Santos, D. Ida Branch, D. Isabel Maria Ribeiro da Costa Barbosa, D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Maria Luiza Monteiro de Mendonça, D. Elizabeth de Mendonça, D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Maria Brazão, D. Maria Isabel Brazão de Somer, D. Stela Brazão da Costa Santos, D. Ernestina Soares de Albergaria Nunes de Carvalho, D. Anete Amzalack, D. Amelia Rezende de Melo, D. Maria Luiza Ulrich Pinto Basto, D. Maria José da Silva Carvalho Santos Lima, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Suzana de Castro, D. Marcela Auziello, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Clarisse Couto, Senhora de Carlos Smith, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto-Balsemão, D. Maria Eugénia d'Orey Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Mariana da Camara Pinto Coelho, D. Alice Assis Furtado de Quintela, D. Alice Maury de Melo, D. Hermínia Serelede de Vasconcelos Correia, D. Maria Oliveira Reis, D. Assunção Perestrelo de Matos, D. Maria da Assunção Possolo Pellen, D. Natália Cohen Zagury, D. Clara Abdarabim Buzaglo, D. Merita Abdarabim Abecassis, D. Camila de Paiva Raposo, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Gabriela Machado Pinto Basto, D. Emilia Alves Arrobas, D. Ana da Camara de Bragança, D. Sofia Buzaglo Abecassis, Senhora do Dr. Meira e filha, D. Albina Codeiro Rebelo, D. Maria Carlota de Somer Pereira Salgado, Senhora de Adriano Maia, D. Mercedes Paiva de Andrade Soares Cardoso, Senhora Dauriaux, D. Dina Batista Coelho, D. Maria Luiza Velasco de Oliveira, D. Isabel Fortes, D. Maria Matilde Matoso dos Santos, D. Judite Benjamin Pinto, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria da Costa Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Antónia Ramada Curto, etc., etc.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano, pois foi uma festa de caridade que marcou sem dúvida alguma pela elegância.

«FESTA INFANTIL»

Na tarde do dia 3 realizar-se-ha nos salões do Grémio Lírico Português, que se encontra instalado no Palácio Falmela, ao Calhariz, uma interessante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor de várias instituições de beneficência, e que constará de «Arvore de Natal», em que serão distribuídos grande numero de artísticos brinquedos.

A tarde do dia 3 do corrente, nos salões do Grémio Lírico Português, ao Calhariz vai de certo marcar pela animação e elegância.

«SNACK-BAR»

Foi coroado de êxito invulgar, a iniciativa da direcção do Aviz Hotel, em introduzir entre nós o costume inglês do «Snack-bar», que no meio

VIDA ELEGANTE

londrino é verdadeiramente apreciado pela melhor sociedade, tendo a nossa primeira sociedade accorrido em grande numero, sendo de prever que essa nova moda seja desde já lançada no meio lisboeta.

Na assistência ao último «snack-bar», recordamos ter visto entre outras pessoas as seguintes:

Ministro da Dinamarca, Ministro do México e Senhora de Armendariz do Castello, Secretário da Embaixada do Brasil e senhora de Fuenos do Prado, Conde e Condessa de Carrobio, D. Sara Cabral e filhas, Dr. Eduardo Pinto da Cunha e D. Terresa de Melo Breyner Pinto da Cunha, Carlos Husum e D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, D. Maria Oliveira Reis, João Linchi e D. Maria João da Camara Bianchi, Dr. António Feres e D. Ferna da Malheiro de Seves, Terente Mário Carvalho Nunes e D. Maria Adelaide Daum e Lorena de Carvalho Nunes, José Lino, João e Saldanha (A mo-ter) e D. Maria do Carmo de Saldanha, Carlos Eduardo Blech e D. Maria José Lobo da Silveira Blech, Dr. Juvenal de Paiva, Dr. Ramos Pinto e D. Maria de Saldanha Ramos Pinto, D. Maria Ferrão de Castello Branco (Pontel), José Macieira Lino e D. Maria Terresa Pressler Lino, Luiz de Lancastre Freitas e D. Roxane de Serpa Pinto de Freitas, Henrique Voltier e esposa, Senik e esposa, Manuel de Mendonça e D. Maud de Mendonça, Dr. Pedro de Moura e Sá, José Rugeroni, D. Albertina Rugeroni e filhos, Carlos da Silveira Vianna, Jorge Blech, Dr. José de Azevedo Castello Branco, Virgílio Barroso, Victor Cordier e esposa, Mash Goodrich, Ninian Hill Soarth, José Roque de Pinho (Alto Mearim), William Dryman, José de Mascarenhas Finza, Alexander Meller, D. Henrique Burnay de Verda (Matros), Nick Helmers e convidados, D. Marie Louise Damia, D. Paullet Zevaco, Bernardo Pinheiro de Melo (Arnos), E. E. Burgess, José e Salvador Corrêa de Sá (Asseca), D. Maria Vecchi Pinto de Veilhena, William Burdick, D. Isabel de Lancastre Freitas, Mrs. Webster e filha, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, Comandante Moreira Pinto, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, Luiz Reu, José Penalva (Penalva d'Alva), Antonio Potie, D. Maria Rita Carreira, George Lumave, William Gould, Castêja e esposa, António de Oliveira Belo, David Cohen Zagury, Eduardo Ahrens Novais, D. António de Lancastre (Louzi), Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

EM VIGO

O sr. W. H. Osley illustre consul de Inglaterra em Vigo e sua esposa, ofereceram em honra do consul de Portugal sr. tenente coronel Pestana de Vasconcelos e de sua esposa, a sr.^a D. Maria Antónia Bracourt Pestana de Vasconcelos, um jantar, em que foram convivas além dos homenageados, os srs. Bermojillo, consul de Espanha, em Valença, Balmes Gomez, Consul da Argentina, D. Marta Helmer e D. Maria Bracourt Pestana de Vasconcelos.



Casamento da sr.^a D. Helena Palha Van-Zeller com o sr. Frederico João Pinheiro Gorjão Henriques. Os noivos a saída da capela

Casamentos

Na capela do Palacio da Quinta das Areias, em Vila Franca de Xira, realisou-se o casamento da sr.^a D. Helena Palha Van-Zeller, com o sr. Frederico João Pinheiro Gorjão Henriques, filho da sr.^a D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques, e do sr. Francisco Gorjão Henriques, já falecidos.

Foram madrinhas as irmãs da noiva sr.^{as} D. Júlia e D. Laura Pereira Palha Van-Zeller e padrinhos os srs. Frederico Ferreira Pinto Bastos e José Gorjão.

Celebrou o acto religioso o reverendo José Malta, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado pelo prior de Vila Franca de Xira, reverendo Luis Filipe Gonçalves.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza do palácio, um finissimo lanche da pasteleria «Garrett» seguindo os noivos depois para Lisboa, onde vieram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas e artisticas prendas.

— Ampliando a noticia que demos do casamento da sr.^a D. Maria Francisca de Castello Branco (Pombeiro), com o sr. D. António Xavier de Mendôça de Siqueira (S. Martinho), realiado na igreja parochial de Cascais, damos em seguida a nota da assistência:

Condessa da Figueira, Condessa da Castanheira, Condessa de Belmonte, Condessa de Almoster, Condessa de Vale de Reis e filha, Viscondessa de Atouguia, D. Maria Terresa de Mendonça Cardoso, D. Ana Shaw Pinto Basto, D. Emilia de Bourbon Calceira Pinto Basto, D. Maria Izabel Trigos de Siqueira, D. Clotilde Raposo de Sousa d'Alte. Espargosa de Siqueira de Castello Branco e filha, D. Maria da Graça de Siqueira de Castello Branco e filhas, D. Emilia de Castello Branco Quintela, D. Maria Inácia de Castellbranco, D. Maria Ana de Castello Branco (Pombeiro), D. Maria da Graça da Camara de Siqueira e filha, D. Maria Eugénia Ferreira Pinto Bosto de Siqueira, D. Margarida de Mendôça de Sousa, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum e filha, D. Ofelia Leca da Veiga Pinto Cardoso, D. Helena de Melo e Costa da Camara, D. Maria Genoveva Machado Pinto Basto, D. Maria Ferreira Pinto Basto Stilwell, D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Eugénia Manoel (Taneos), D. Beatriz Figueira Freire da Camara da Costa Veiga, D. Ana da Camara Berquó Alpoim, D. Maria do Carmo da Camara (Belmonte), D. Maria da Assunção Schecter Viana, D. Maria da Natividade da Camara (Belmonte), D. Maria de Sales e Jeronima da Camara Berquó, D. Maria Adelaide Salema Rolim, D. Maria do Carmo Palma Bruschy, D. Maria Livia da Cunha, D. Maria Genoveva Echevas, D. Maria Izabel Machado (Santo Tirso), D. Maria Izabel de Avilez, etc., etc.

E os srs.:

Conde da Figueira, Conde de S. Martinho, Conde de Belmonte, Conde de Vale de Reis, Conde de Azambuja, Conde de S. Vicente, Visconde de Atouguia, Reverendo Moisés da Silva, D. José Inácio, D. Joaquim, D. Fernando, D. António e D. Manoel de Castello Branco (Pombeiro), D. Ascenço Xavier, D. Augusto, D. Nuno e D. José de Siqueira (S. Martinho), Silvério Cardoso Pinto de Queiroz, Alfredo Ferreira Pinto Basto, João de Saldanha Ferreira Pinto Basto, Miguel Teixeira de Barros, D. Manuel de Cunha e Lorena (S. Vicente), Carlos Quintela (Farrobo), William Stilwell, Pedro Ferreira Pinto Basto, D. Antonio Francisco de Siqueira (S. Martinho), D. Nuno da Camara (Belmonte), Augusto Botelho Moniz da Costa Veiga, Luiz Fernando de Sousa, Luiz da Silveira Estela, Carlos Husum, Augusto Cadoso Pinto de Queiroz, D. Fernando, D. Segismundo, D. José, D. Francisco, D. Nuno e D. Manuel da Camara de Castello Branco (Pombeiro), D. Luiz e D. Sebastião de Almeida Santos de Castello Branco (Pombeiro), D. Vasco e D. Ascenço de Siqueira Cabral da Camara (Belmonte), D. Fernando de Siqueira de Castello Branco (Pombeiro), etc., etc.

— Em Lousada, no solar da Estrada, realizou-se o casamento do comendador sr. António Fernandes da Costa com a sr.^a D. Laura Vieira de Melo e Matos da Cunha Osório. A cerimónia revestiu grande brilhantismo, tendo a população manifestado o seu regosijo visto estimar o noivo que tem sido um grande benemérito desta região.

— Na sua casa de Carcavelos (Paredê) realizou-se o casamento da sr.^a D. Cecília Cândida Pinto Bacelar Coelho Soares de Moura, filha da sr.^a D. Emilia do Carmo Bacelar Pinto Vilas Boas Soares de Moura, com o sr. José Barbosa Leão da Costa, filho do importante industrial paredense sr. João Barbosa Leão da Costa. Parainfaram, por parte da noiva, sua mãe e o sr. dr. Afonso Bacelar Vilas Boas Pinto Coelho Soares de Moura; e pelo noivo, seu pai e a sr.^a D. Ana Carolina Bacelar Vilas Boas. Após a cerimónia religiosa, foi servido um delicado copo de água, seguindo os noivos para Coimbra em viagem de núpcias.

D. Nuno.

DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

APURAMENTOS

N.º 16

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

IGNOTUS SUM

N.º 16

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

JOBEAMA

N.º 3

OUTRAS DISTINÇÕES

Justa, n.º 4

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifreadores da totalidade — 20 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolu, Cantente C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, So-Na-Fer.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 19 — Sonhador, 16 — João Tavares Pereira, 14.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 10. — Lomelino Silva, 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Nume-mero-número. 2 — Garna-nacho-garnacho. 3 — Ganhador. 4 — Justador. — 5 Nú-cego. 6 — Prêso 7 — Pastorela 8 — Sítio-sio. 9 — Tantita-tanta. 10 — Capacho-cacho. 11 — Lépidu-ledo. 12 — Apartar-atar. 13 — Rocalha-rólha. 14 — Falar, calar, filar, fadar, falir, falas. 15 — Ella. 16 — Ruivaca. 17 — Agarrado. 18 — Quebra-cabeça. 19 — Perfeição. 20 — Ouro é o que ouro vale.

MEFISTOFÉLICAS EM PROSA

1) Éle «teima» e pede, apenas por teima. (2-2) — 3

Lisboa Lérias (T. E. — S. C. L.)

2) A governante que causar a morte a alguém é condenada a pagar o enterro. (2-2) — 3

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS EM PROSA

(Interrogando Anastácio)

3) Porque é que eu «canto»? 1-1

Lisboa Augusbelo (T. M.)

4) A basófia é «a» pecha do gebo. 2-1

Lisboa Bismau (T. E. — S. C. L.)

5) É um abismo a fatalidade que me traz desgostoso. 1-2

Lisboa Lengueluca (T. M.)

6) É grande como o diabo, mas não é o diabo. 1-3

Lisboa Leirbag (T. M.)

7) Todo aquele que é malvado defronta bem qualquer pecado. 1-1

Lisboa Veiga (T. E. L.)

(Interrogando Rei do Sébo)

8) Até onde é que leva esse embrulho? 2-1

Lisboa Xicantunes (T. M.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 25

SINOPADAS EM PROSA

9) O advogado chicaneiro «consome» o dinheiro dos seus clientes. 3-2

Lisboa Africanista (T. E. L.)
(Ao amigo Fernambelo)

10) És tontinho! Não tenho nenhuma amante. 3-2

Lisboa Anastácio (T. M.)

11) Pudico movimento. 3-2

Silva Pôrto — Bié Efnasa

12) Um boato falso pode provocar um combate. 3-2

Lisboa Fernambelo (T. M.)
(Ao amigo Bad-Almed)

13) Um homem pequenino é um homem de pequeno tamanho. 3-2

Lisboa Hary (T. M.)

14) Com preguiça nada se consegue. 3-2

Ponta Delgada Jobema (T. E. L.)

NOVÍSSIMAS EM VERSO

15) O Chiquinho, um «menino bonito», Dêsses tais que só vivem p'ra a moda, — 1
Inda agora é um pobre franguito
E já pensa em beber uma soda.

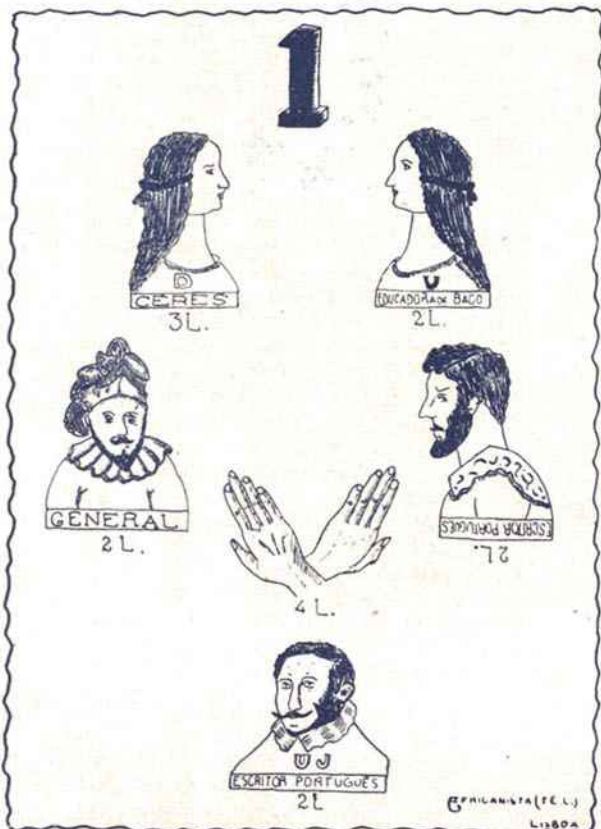
Ao menino tornado galito,
Coitadinho, já tudo o incomoda,
Inda há pouco era um mis'ro mosquito
E já forte e valente se apoda. — 1

— Hoje em dia é já tal o impudor,
Que nem mesmo o ser mais sup'rior
Se consegue manter nos limites. —

São assim os meninos de agora,
Inda mal 'stão deitados cá fora
E já mostram ter seus apetites!

Lisboa Ôlho de Lince (T. E. — T. E. L.)

20) ENIGMA FIGURADO



16) «Notas» que estou prisioneiro, — 1
«Notas» que nesta prisão, — 1
Aqui no meu cativo, — 1
Só há gesticulação.

Lisboa Tino de Óbidos (T. E. L.)

LOGOGRIFOS

Cartas do amigo José Madraço, a propósito do novo horário do trabalho

1

17) Amigo! Eu bem te dizia

Que se me esgotava a «massa»... — 1, 2, 3, 6.
Não calculas a arrelia,
A vergonha que se passa

Quando se vai ao tendeiro
Sem lhe levar a «importância» — 5, 2, 1, 2.
Que se lhe deve; e dinheiro

P'r'á nova compra! A arrogância
Com que nos fala, e a que preço
Nos vende! «É isto é se quer!» — 6, 3, 3, 2.

Diz o tipo. Eu sou avêso
A ter «cães» — Mas que fazer?!
«Não dever nada a ninguém...»

Tive isto sempre por norma. — 3, 6, 1, 4.
Como pagar quem não tem?!
Sem se ganhar... não há forma.

Lá consegui empregar-me...
Mas com pouca «sorte», amigo; — 3, 2, 5, 4.
Porque o «gajo» anda a «injectar-me»

Com o «seu» sistema antigo:
«No meu tempo era banal
«Trabalhar como um jumento, — 5, 6, 3, 2.
«Sem descanso semanal
«Nem horas de encerramento...»

Este «gajo» é o patrão
(Que em instrução não abunda)
Onde agora ganho o pão:

Um «pão» negro de segunda...
Pela cópia

Lisboa Braz Cadunha

(A todos os colaboradores da «Ala» e ao seu director)

18) Em tempo que já vai muito distante — 8, 9, 1.
Uma linda donzela namorei. — 8, 4, 10, 2.

Feliz me consid'rava como um rei
P'la sua formosura embriagante.

Alcinda se chamava... essa «mulher», — 1, 7, 12,
[2, 10, 4, 5, 11.

Cujo belo não posso aqui traçar, — 5, 9, 1.
Em suma, não se deve pôr a par

Da riqueza maior que possa haver. — 6, 11, 8,
[9, 12, 13, 3.

Mais rica do que todo o metal «nobre»,
[— 8, 4, 1, 5, 7, 12, 2.

Mais rara do que o mais raro metal,
Paládio, zircónio, ou ruténio...

Esta riqueza, em breve, ficou pobre,
Desde o conhecimento (hora fatal!)
Da mãe, portanto a sogra, de mau génio!...

Lisboa Reinadio

ENIGMAS EM VERSO

19) Eu já me habituei, quando te vou falar,
A ouvir o tanger do tango de magia,
Que tu, só para mim, soubeste impro-
[visar,

Com fervor e paixão, na tua fantasia.
Esse tempo feliz, que eu passo, des-
[lumbrado,

Em frémits de amor, tão cheio de
[ventura,

E', para mim, mulher, o tempo aben-
[çoado,

Que, em minha mente louca, amor,
[sempre perdura.

Mas, meu Deus, quando tu, entre notas
[de amor

Desse tango cadente, olhas o rosto meu,
Eu desprezo do tango a beleza e primor,
Para só ver a luz do lindo rosto teu...
E' que, no teu olhar, eu vejo, idolatrado,
A cálida visão da tua simpatia!

E cala-se o piano. O tango é bem guar-
[dado...]

E, em transe de amor, passamos todo
[o dia...]

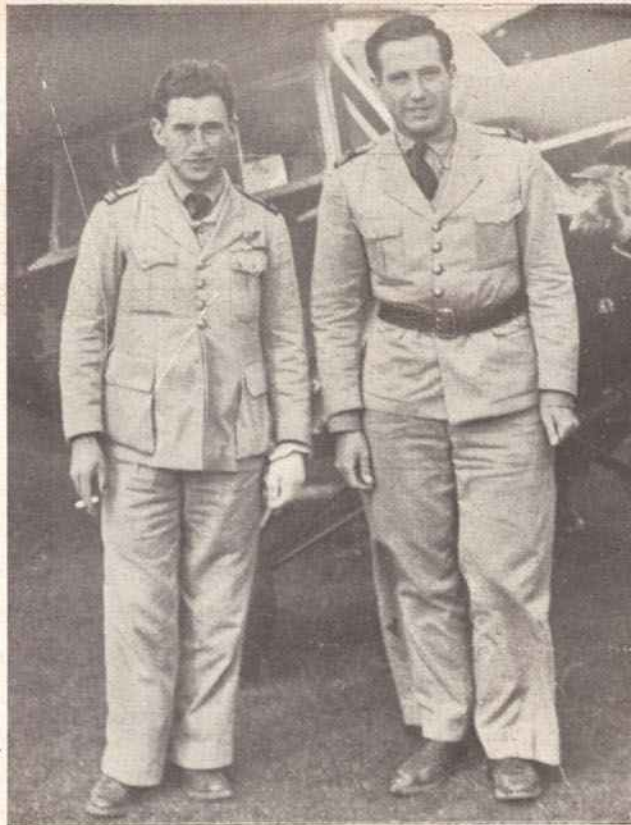
Lérias (T. E.)

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A chegada de Humberto da Cruz



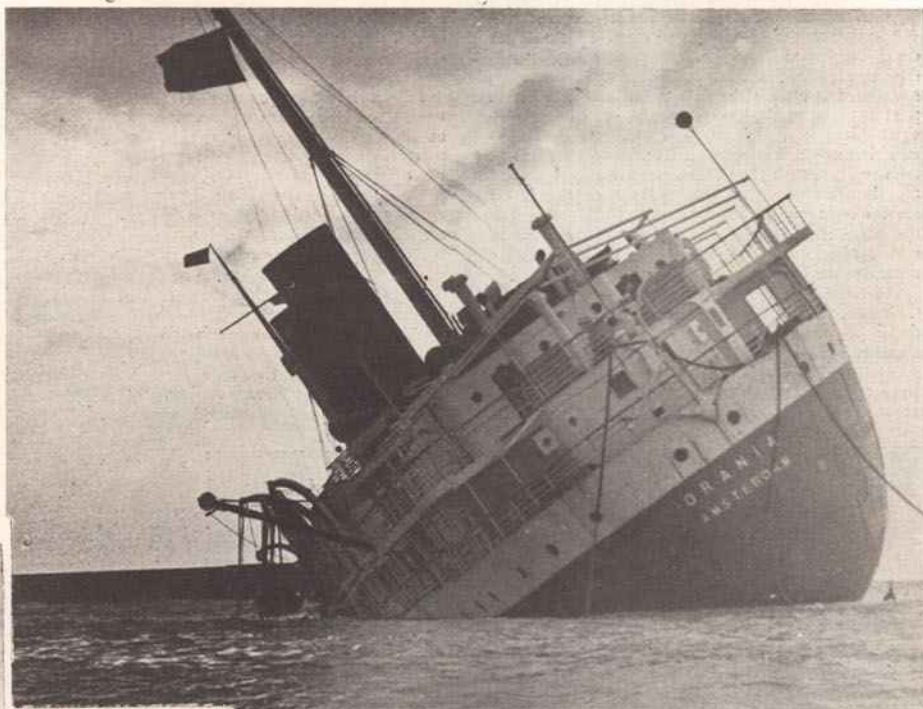
A bordo do «Dili» chegaram no dia 21 do mês findo à Amadora o tenente Humberto da Cruz e o sargento-mecânico Gonçalves Lobato, que completaram brilhantemente o «rad» Lisboa-Macau-Timor, com passagem pela Índia Portuguesa e Macau num total de 40 700 quilómetros. Lisboa fez-lhe o caloroso acolhimento a que tinham direito. Na gravura da esquerda vê-se o mecânico Lobato à saída da Câmara Municipal e na da direita os aviadores instantes depois da sua chegada à Amadora. A tenacidade deste intrépido aviador bem mereceu o entusiástico acolhimento que lhe dispensaram. Como no tempo glorioso das descobertas, Humberto da Cruz sentiu a tentação das Índias — e foi até lá, através dos ares.



O naufrágio do «Orania» no porto de Leixões



O porto de Leixões foi no dia 19 do mês findo teatro dum grave sinistro marítimo de que resultou a perda dum grande transatlântico. O belo paquete «Orania» en-



nizados os socorros não houve desastres pessoais a lamentar, à excepção de alguns ferimentos de pequena gravidade. As nossas gravuras mostram: em cima, um tripulante do «Orania» recebendo curativo; ao lado e em baixo, as posições que o barco naufragado foi sucessivamente tomando. Logo que houve notícia do desastre, o barco salvadego holandês «Walkiria» dirigiu-se imediatamente para o local e coadjuvado por alguns navios portugueses fez várias tentativas para pôr o «Orania» a flutuar. Nada conseguiu, porém, considerando-se perdidas todas as esperanças de o salvar. A posição do navio naufragado dentro do porto de Leixões ficou constituindo um grave perigo para a navegação; em especial para os paquetes de grande calado. Muitos deles, que por ali costumam fazer escala, interromperam esse serviço o que, como se calcula, está causando prejuízos consideráveis às regiões nortenhas. Os organismos económicos têm formulado sobre o assunto instantes reclamações junto das entidades oficiais. Esperamos que elas sejam prontamente atendidas, a fim de evitar que o lamentável acidente continue a porjudicar a vida do importante porto de Leixões.

traia naquele porto e fundeara em frente do edificio da capitania. Cerca das 13,30 horas o barco português «Luanda» tentou também entrar no porto não se dando conta dos sinais que lhe impediam o acesso. Em consequência disso o navio abalroou violentamente com o «Orania» abrindo-lhe no costado um rombo de mais de oito metros de altura, por onde a água penetrou começando o barco a inclinar-se perigosamente. O pânico entre os passageiros foi enorme, mas graças à presteza com que foram orga-





ENTRE os estabelecimentos que no ano que acaba de findar surgiram em Lisboa, a confirmar-lhe a categoria de grande capital europeia, destacou-se, por forma invulgar, Quintão, L.^{da} que apresentou uma artística instalação, verdadeiramente modelar, para exposição e venda dos variadíssimos artigos que constituem o lar moderno. As espaçosas montras largamente rasgadas sobre a rua Ivens, ali mesmo no coração da cidade, e os vastos salões magnificamente guardados, colocam esta Casa à altura dos grandes armazens congêneres dos mais adiantados centros cosmopolitas.

O assinalado triunfo da nova Firma justifica-se pela experiência de José António Pereira que

No vasto campo da Luz e Electricidade conquistaram e têm sempre mantido um lugar de destaque as fábricas holandesas Philips dadas as facultades da sua enorme produção, os seus bem apetrechados laboratórios e a técnica perfeita dos abalisados engenheiros que as servem. Começou afirmando a sua grande superioridade pela lampada de iluminação eléctrica, universalmente reconhecida como a mais clara, a mais brilhante, com a assinalada vantagem de menor consumo de energia, qualidades estas que lhe asseguram, a despeito da mais desordenada concorrência, em toda a parte, o primeiro lugar na primeira fila.

Na recente Exposição do Rádio e Eléctricidade constatou-se igualmente a sua superioridade, um incontestável triunfo da Philips, na apresentação dos seus inconfundíveis aparelhos receptores que de pronto se adjudicaram as preferências gerais. Nesta especialidade que tem merecido as mais cuidadas atenções dos vários

Países do Velho e Novo Mundo, a pequena Holanda, por intermédio da grande Philips viu já insofismavelmente assegurada a sua supremacia.

Porquê? Porque os seus laboratórios não param, não descansam os seus técnicos que, não se limitando a aperfeiçoar o que está feito, vão introduzindo constantes inovações, como essa maravilha da lampada «Octodo» que veio tornar possível a construção de aparelhos de grande rendimento acessíveis a todos pelas excepcionais condições de aquisição.

Admiraram-se os modelos Philips pela inigualável perfeição do seu acabamento, pelo excelente material neles empregado, em que a madeira mais parece marmore polido, pelo som puro, claro e vibrante, inalterável e perfeita tonalidade, e finalmente porque reproduzem com extrema naturalidade os sons recebidos, características que acompanham todos os aparelhos, dos mais custosos aos mais modestos.

Na quadra festiva que estamos a atravessar nada mais grato em qualquer lar que um bom aparelho, que proporcione a bela música de qualquer parte do Glóbo, que nos ponha rapidamente ao par do que vai por esse mundo fóra, e nenhum como o Philips, perfeito, sólido e elegante e que ainda facilita aos seus clientes condições de pagamento tornando-o abordável às classes menos abastadas, reconhecendo-lhes assim o direito de usufruir deliciosas horas de cultura artística e social.

a esta especialidade tem dedicado toda uma vida de incessante labor, aliada à proficiência e acentuado senso artístico de João Jorge Alcobia, completando-se assim os dois associados da Quintão, Limitada de que se pode dizer com propriedade, que chegou, viu e venceu.

As suas viagens aos mais progressivos Países da Europa, acompanhando assim de perto as mais recentes inovações respeitantes a mobiliário e decoração permite-lhes apresentar mobílias de toda a espécie, da mais moderna e requintada elegância, os motivos decorativos do mais fino e apurado gosto, candieiros de iluminação, tapeçarias, cortinados, interessantes e caprichosos bibelots, emfim toda essa infinita variedade de objectos com que se garante e decora uma habitação.

Quintão, L.^{da} está hoje habilitada a instalar uma casa por mais exigente que se pretenda, desde o mobiliário que os seus artistas desenharam e as suas oficinas constroem até o mais simples pormenor de decoração e comodidade. Assim o reconhece a sua larga e escolhida clientela que vai aumentando progressivamente e em que se conta o que de melhor ha na nossa Sociedade.

1 9 3 4

DEIXOU-NOS há bem pouco o Natal, a Festa da Família, entramos hoje no Novo Ano, com os nossos votos de felicidades e prosperidades aos que nos têm, avizinha-se a comemoração dos Reis Magos, o que tudo constitui o tradicional pretexto para as consagradas reuniões, em volta da mesma mesa, de parentes e amigos.

Em todos os lares em festa há que reservar um lugar de justo destaque ao melhor vinho do Mundo, o mais apreciado por todos os estrangeiros, o Vinho do Pôrto a que sempre se deve prestar a homenagem que lhe bem merece.

Reconhecido o principio de que em mesa portuguesa não deve faltar o nosso Vinho do Pôrto resta o cuidado na sua escolha, tantas e tão boas muitas delas, as suas marcas espalhadas por esse Mundo fóra. De entre todas tem-se destacado a Sandeman, uma das mais poderosas organiza-



ções da especialidade e a quem o Vinho do Pôrto deve a sua maior expansão através dos mais importantes mercados mundiais. Muito metódica na preparação dos seus vinhos, que têm conservado, durante muitos anos, as suas especiais características, conseguiu acreditar de tal forma as suas marcas que quando aparece um Vinho Sandeman traz já consigo a antecipada garantia de que se trata de Vinho do Pôrto de primeira qualidade, absoluta pureza e cuidada preparação.

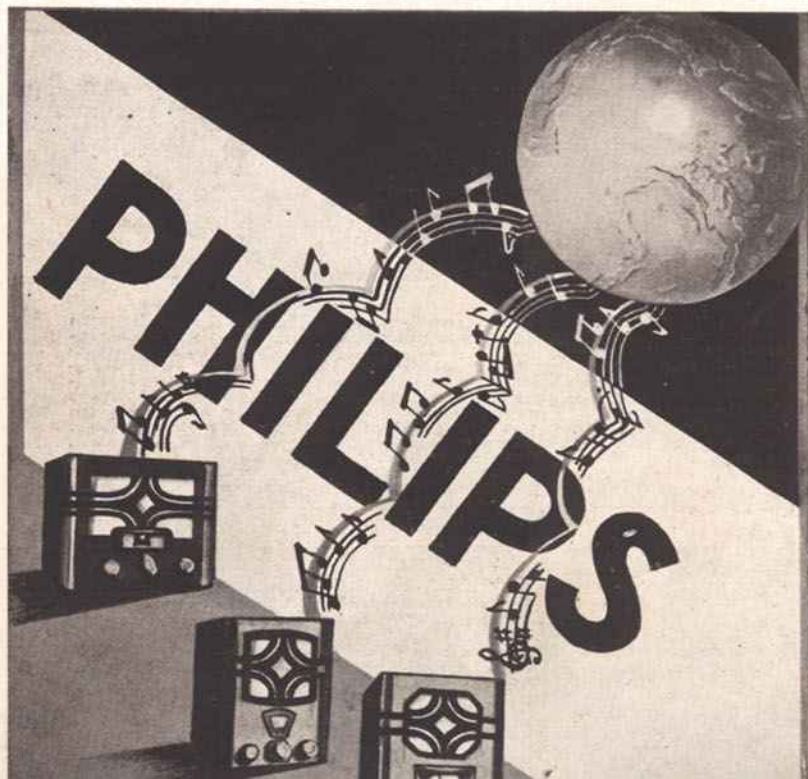
Não devem esquecer, portanto, que o Vinho do Pôrto deve ter sempre lugar na mesa de um lar português, que sobretudo em dias festivos, que se deve escolher uma das marcas de maior confiança e que de entre elas a Sandeman cujos créditos, cá dentro e lá fóra, são desde há muito incontestáveis.

H. Vaultier & C.^a na Feira de Cascais

A firma H. Vaultier que hoje ocupa de direito, um lugar de real destaque na nossa vida industrial e comercial, não perde uma única oportunidade de afirmar a sua vitalidade, comparando sempre em todas as exposições e feiras regionais que se realizem por esse País fóra.

Alecançada a primeira consagração, o Grande Prémio, na inolvidável Exposição Colonial Portuguesa, no Porto, recentemente realizada, de novo se apresenta na curiosa Feira Modelo, de Cascais, e ainda que em instalação diferente lá mostra os seus variados produtos, os industriais feitos nas suas oficinas e os comerciais, das valiosas representações que lhe estão confiadas.

Possui H. Vaultier & C.^a três fabricas de cor-



1935

reias de couro para transmissões, de puados para cordas, de mangueiras de incendio, oficinas de silhas e aparelhos para moagem, do mais singelo ao mais complexo, secções de borracha industrial, ferro, aço, e outros metais, constituindo assim o único estabelecimento industrial completo entre nós.

Das vastas representações que ostenta — e todas elas importantes — avultam a da universalmente conhecida casa Magyrus, de material de incendios, das mascaras contra fumos e gases



toxicos, Degea, hoje adoptada no Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa, e o conhecido e justamente apreciado Oleo Esgoil, secção das mais importantes da firma H. Vaultier & C.^a a mais completamente organizada no País. São duzentos os depositários espalhados por toda a parte, dispondo ainda de depositos nas suas filiais do Porto, Coimbra, Extremoz, Ponta Delgada e Loanda.

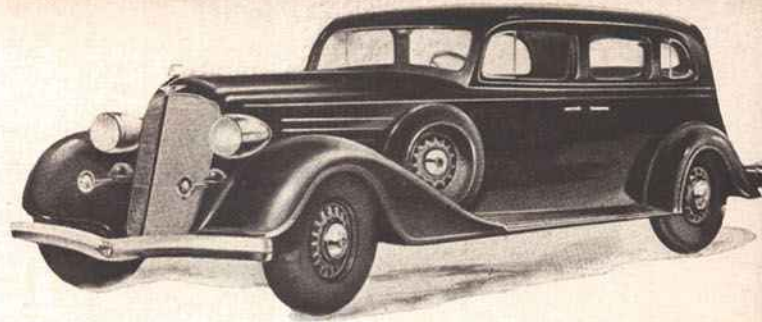
Todas estas razões tornam util e interessante uma visita ao Stand H. Vaultier & C.^a da Feira Modelo, de Cascais, que se está realizando com manifesto interesse do publico.

Na visita que fizemos á Feira Modelo, no dia da sua inauguração uma das instalações prendeu logo as nossas atenções pela sua originalidade e pela forma pratica de fazer ressaltar a vantagem na utilização das suas máquinas que, podendo parecer á primeira vista muito complicadas resultam afinal da maior facilidade, por mais complexos que sejam os trabalhos a executar.

Trata-se das máquinas Singer, com um renome universal que de balde outras concorrentes têm tentado disputar. No seu Stand de Cascais gentis senhoras trabalham á vista do publico, demonstrando insofismavelmente que está ao alcance de todos executar as mais interessantes obras. São varios os modelos expostos, incluindo o



Asumptuosa Limousine-Sedan «Buick», modelo preferido e ao serviço dos varios Ministérios e das Presidências da República e do Conselho. É equipada, como os demais modelos, com a celebre «acção rotular», travão «Dual-Servo», direcção independente, amortecedores hidráulicos duplos e de inercia, equilibrador de viragem, e muitos outros aperfeiçoamentos de notavel eficiência



Exposição de Automóveis também realizada, no ano findo, no Parque Eduardo VII, concorreram as varias marcas europeias e americanas representadas entre nós, apresentando os seus mais recentes modelos, de entre os quais se destacou o Buick que desde logo alcançou um successo invulgar.

Estão já, de há muito, sólidamente firmados os créditos desta marca a justificarem a preferência que em toda a parte se acentua dia a dia, e sobretudo entre nós onde conquistou uma invejável situação. Como de grande categoria, inexcidível comodidade, de inconfundíveis linhas, elegantemente delineadas, o Buick é incontestavelmente o automóvel que mais garantias assegura ao seu possuidor.

E só assim se explica que tenha sido ele, entre

tantos outros, o preferido pelas mais altas individualidades representativas do nosso País e de maior relevo social. Circunstância esta que bastante depõe em seu favor.

No concurso de Elegância, efectuado quando da mesma Exposição, em quatro categorias diferentes, alcançou o Buick os quatro Primeiros Prémios. Automóvel fechado, coupé de dois lugares; automóvel fechado, conduite interna, quatro lugares e quatro portas; automóvel de sete lugares e automóvel phaeton, convertível, de quatro lugares e quatro portas.

Assim o nosso Salão de 1934 constituiu para o Buick mais um triunfo a registar na sua já longa série de êxitos obtidos, cá dentro e lá fóra, onde quer que se tenha apresentado.

A Feira Modelo em Cascais

A Comissão de Propaganda de Cascais, a quem o Concelho deve já relevantes serviços, organizou e realizou, no Palácio do Conde da Guarda, hoje pertença da Câmara Municipal, a Feira Modelo, percursora de outras já projectadas, e de maior envergadura.

Foi no domingo 23 de Dezembro que se realizou a inauguração official a que assistiu o illustre chefe de Estado que percorreu todo o edificio com visível prazer, tendo prodigalizado merecidos louvores áquela Comissão.



O chefe do Estado inaugurando a feira de Cascais

Singercraft, nova e linda criação na arte da costura, que permite a confecção de artisticos tapetes, de vistosas lãs de variegadas cores, franjas, flôres e chales dos mais artisticos padrões.

Não se tem limitado, porém, a Singer a fornecer as suas máquinas, antes tem procurado habilitar as senhoras, por esse País fóra, a trabalhar com elas, na maior perfeição. Para esse effeito estabeleceu cursos temporários em todas as cidades e mais importantes vilas, e mesmo aldeias, absolutamente gratuitos, assegurando desta forma uma grande expansão a esse ensino de que têm já aproveitado muitos milhares de senhoras e meninas. O Governo da República, reconhecendo a utilidade destes cursos e os serviços prestados á causa da Instrução profissional, louvou a Companhia Singer e condecorou-a com a Ordem do Mérito Agrícola e Industrial.

No Stand Singer pode admirar-se uma completa colecção de artigos, os mais variados, simples costuras, artisticas almoçadas, vistosos tapetes e até um chale que bem poderia passar por um autêntico «manton de manilla».

Uma das mais curiosas instalações, a da Singer, onde ha muito que ver, bastante que admirar e alguma coisa que aprender.

Os chocolates «Nestlé»

Nesta quadra do ano não há quem se não lembre dos chocolates Nestlé. São conhecidos em todo o mundo não só, e sobretudo, por virtude da sua excellent qualidade e delicioso sabor, mas também pela riquissima apresentação das suas caixas de luxo.

Esta marca Nestlé é sem dúvida, aquella que de mais popularidade goza tanto entre a gente culta e de sociedade como no meio do povo onde o consumo da sua farinha láctea se tornou corrente e imprescindível.

A Nestlé, a grande amiga da criança, acaba há poucos mezes de lançar no mercado o leite em pó «Nestogéno» que é um produto maravilhoso para a alimentação dos lactantes, na falta ou na insuficiencia do leite de mãe. Fabricado em Avanca, com o leite fresco e puro das ubérrimas pastagens daqueles sitios, consideradas como a mais rica região leiteira do País, preparado segundo os processos e segredos da Nestlé, o Nestogéno foi desde logo aceite pelos médicos que viram nêle um elemento valioso de combate contra a mortalidade infantil que é, no nosso País tremenda e desoladora.

Recomendando, pois, ás nossas leitoras o Nestogéno julgamos prestar-lhe um bom serviço, tanto mais que a par daquilo para que ele foi criado, a alimentação dos bebês e lactantes, serve á maravilha para substituir com enorme vantagem o leite fresco de vaca nas exigencias da culinária postas á prova nesta época festiva do ano.

Retenham, pois, o nome dêste excellent leite em pó Nestogéno.

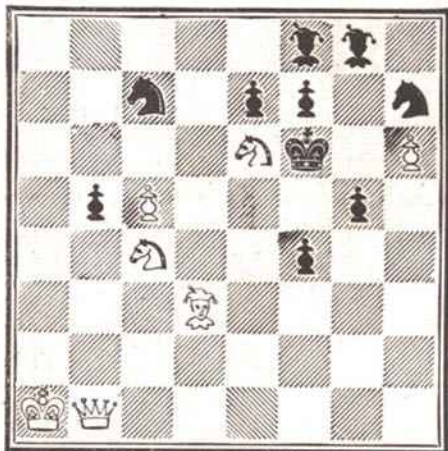


Xadrez

(Problema por Prickyl)

Branças 7

Pretas 10



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

O terror dos tipógrafos

O célebre escritor russo Leon Tolstoï, escreveu cento e vinte livros, que foram quasi todos ães traduzidos para vários idiomas. A letra de Tolstoï fazia o desespero dos tipógrafos, a tal ponto que ãle, em certa ocasião, viu-se obrigado a copiar uma novela sua, oito vezes, antes de conseguir que alguém lhe pudesse ler o texto.

Um sábio sapateiro

Faleceu há um ano, em Dezembro de 1933, em Bolonha, um simples sapateiro, chamado Angelo Finelli, que era historiador e arqueólogo notável.

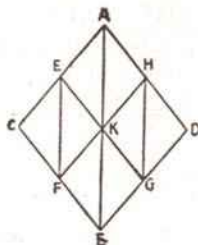
Começou muito novo a lãr, nas horas vagas obras sãobre essas duas ciãncias e acabou por se tornar um verdadeiro e reputado sãábio. Publicou vários livros, notadamente um sãobre Bolonha no ano 1000, todos tidos pelos competentes, em grande conta.

Mas como os livros dẽsse gẽnero não enriquecem ninguẽm, continuou a exercer a sua humilde profissão atãe à idade avançada de 86 anos, em que se extinguiu.



Traço contínuo

(Solução)



È seguir o caminho indicado: AB, BF, FK, KE, EC, CF, FE, EA, AD, DG, GH, HK, KG, GB.

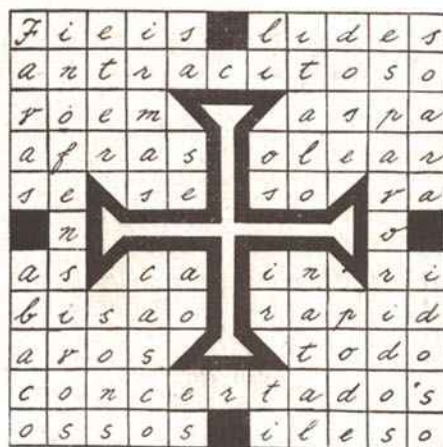
Gatos . . . funcionários públicos

Realizou-se, recentemente em Paris, uma exposição de gatos e nela a secção mais admirada foi a dos *rateiros*, apresentada pela municipalidade de Berlim. Os gatos desta raça, assim chamados porque têm especial habilidade e fúria para perseguir os terríveis roedores que tantos prejuizos causam, são um pouco maiores e muito mais fortes do que os comuns; têm pêlo tão espesso que os ratos não conseguem mordẽ-los e os seus maxilares têm uma abertura de 5 centímetros, ao passo que nos gatos vulgares essa abertura è de 3 1/2 centímetros.

A municipalidade de Berlim cria ãesses gatos e mantem-os na cidade, com coleiras be n visíveis, com as cõres do escudo municipal, para que tãoda a gente os respeite. São, portanto, funcionários . . . com a vantagem de não pesarem no orçamento da despeza.

Palavras cruzadas

(Solução)



Bridge

(Problema)

Espadas — 8.
Copas — D. 7.
Oiros — 9.
Paus — 10.

Espadas — A. **N** Espadas —
Copas — 10, 9, 6. **O E** Copas —
Oiros — 8. **S** Oiros — A. 7.
Paus — — — — —. Paus — D. 9, 6.

Espadas — — — — —.
Copas — V.
Oiros — V. 5.
Paus — A. 8.

Sem trunfo. S è mão. N e S devem fazer quatro vasas.

(Solução do número anterior)

S joga espadas, N corta e joga oiros, que E cobre. E tem dois meios de defeza: se torna a jogar oiros, S balda-se a espadas. E joga em seguida trunfo, S cobre com o rei e joga o oito, obrigando O a fazer a vasa. Seja qual fãr a carta jogada por O, S fará agora o seu dez de trunfo.

Se, na terceira vasa, E jogar trunfo em vez de voltar a oiros, S cobre com o rei e joga as últimas espadas. E pode cortar ou baldar-se a oiros. Se E cortar as espadas e jogar oiros, a situação será a mesma. S corta com o oito e o seu dez de trunfo estará salvo. Se E se baldar a oiros em vez de cortar, S terá da mesma forma, a certeza de fazer o seu dez de trunfo.

Anedotas

A D. Isaura è mãe de sete filhas.
— Naturalmente, havia de gostar de ter um filho — disse-lhe uma amiga.
— Mui-tissimo; mas creia que já me contentaria com sete genros.

Entre boas amigas, muito íntimas:
— Gostas do meu chapéu?
— Gosto muito. Não te lembras, que tive um igual, no ano passado, quando eram moda?

Ele: Quanto mais um homem se aproxima da natureza, mais feliz è.

Ela: Tu não dizias isso, no outro dia, quando escorregaste no Chiado, e fãste de mãos ao chão.



Humor britânico

O naufrago (amargamente): — E pensar eu que ainda há pouco, pelo Natal, cheguei a juntar, de presentes que me ofeteeram, 6 navalhas de barba, 4 pincels e duas gillettes!

(Do «The Passing Show».)

ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00

Opúsculos:

Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	

Cada volume, brochado..... 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encaderr. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tani) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemel. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado.....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice</i> : Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones, A Alcaçova da Saúde — As "Sabatinas, na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casts — 320 págs. brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de BLASCO IBAÑEZ

A adega , tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado.....	10\$00
A catedral , tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado.....	10\$00
Cortesã de Sagunto , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado.....	10\$00
Por entre laranjeiras , romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 290 págs., brochado.....	10\$00
Flor de Maio , romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado.....	10\$00
Jesuítas , sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado.....	10\$00
Os mortos mandam , novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado.....	10\$00
Oriente , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado.....	10\$00
No país da Arte , tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado.....	10\$00
Terras malditas , tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado.....	10\$00
Touros de morte , tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado.....	10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRICO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODDO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|--|---|--|
| <p>1 — Da terra à lua, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.</p> <p>2 — Á roda da lua, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.</p> <p>3 — A volta ao mundo em oitenta dias, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:</p> <p>4 — 1.ª parte — Os ingleses no Polo Norte. 1 vol.</p> <p>5 — 2.ª parte — O deserto de gelo. 1 vol.</p> <p>6 — Cinco semanas em balão, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.</p> <p>7 — Aventuras de três russos e três ingleses, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.</p> <p>8 — Viagem ao centro da terra, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:</p> <p>9 — 1.ª parte — América do Sul. 1 vol.</p> <p>10 — 2.ª parte — Austrália Meridional. 1 vol.</p> <p>11 — 3.ª parte — Oceano Pacifico. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:</p> <p>12 — 1.ª parte — O homem das águas, trad. de Gaspar Borges de Avelar.</p> <p>13 — 2.ª parte — O fundo do mar, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:</p> <p>14 — 1.ª parte — Os naufragos do ar. 1 vol.</p> <p>15 — 2.ª parte — O abandonado. 1 vol.</p> <p>16 — 3.ª parte — O segredo da ilha. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:</p> <p>17 — 1.ª parte — O correio do Czar. 1 vol.</p> <p>18 — 2.ª parte — A invasão. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:</p> <p>19 — 1.ª parte — O eclipse de 1860. 1 vol.</p> <p>20 — 2.ª parte — A ilha errante. 1 vol.</p> <p>21 — Uma cidade flutuante, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.</p> <p>22 — As Índias Negras, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:</p> <p>23 — 1.ª parte — O cataclismo cósmico. 1 vol.</p> <p>24 — 2.ª parte — Os habitantes do cometa. 1 vol.</p> <p>25 — O Doutor Ox, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:</p> <p>26 — 1.ª parte — A viagem fatal. 1 vol.</p> <p>27 — 2.ª parte — Na África. 1 vol.</p> | <p>28 — A galera Chancellor, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.</p> <p>29 — Os quinhentos milhões da Begun, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.</p> <p>30 — Atribuições de um chinês na China, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:</p> <p>31 — 1.ª parte — A chama errante. 1 vol.</p> <p>32 — 2.ª parte — A ressuscitada. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido:</p> <p>33 — 1.ª parte — O segredo terrível. 1 vol.</p> <p>34 — 2.ª parte — A justificação. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:</p> <p>35 — 1.ª parte — A descoberta da terra. 1.º vol.</p> <p>36 — 1.ª parte — A descoberta da terra. 2.º vol.</p> <p>37 — 2.ª parte — Os navegadores do século XVIII. 1.º vol.</p> <p>38 — 2.ª parte — Os navegadores do século XVIII. 2.º vol.</p> <p>39 — 3.ª parte — Os exploradores do século XIX. 1.º vol.</p> <p>40 — 3.ª parte — Os exploradores do século XIX. 2.º vol.</p> <p>41 — A escola dos Robinsons, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.</p> <p>42 — O raio verde, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:</p> <p>43 — 1.ª parte — De Constantinopla a Scutari.</p> <p>44 — 2.ª parte — O regresso. 1 vol.</p> <p>45 — A estrêla do sul, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.</p> <p>46 — Os piratas do arquipélago, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:</p> <p>47 — 1.ª parte — O pombo correio. 1 vol.</p> <p>48 — 2.ª parte — Cabo Matifoux. 1 vol.</p> <p>49 — 3.ª parte — O passado e o presente. 1 vol.</p> <p>50 — O naufrago do «Cynthia», trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.</p> <p>51 — O bilhete de loteria n.º 9:672, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.</p> <p>52 — Robur, o Conquistador, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:</p> <p>53 — 1.ª parte — O ódio do Texar. 1 vol.</p> <p>54 — 2.ª parte — Justiça. 1 vol.</p> | <p>55 — O caminho da França, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:</p> <p>56 — 1.ª parte — A escuna perdida. 1 vol.</p> <p>57 — 2.ª parte — A colónia infantil. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:</p> <p>58 — 1.ª parte — Os filhos do traidor. 1 vol.</p> <p>59 — 2.ª parte — O padre Joan. 1 vol.</p> <p>60 — Fora dos eixos, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
César Cascobell:</p> <p>61 — 1.ª parte — A despedida do novo continente, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.</p> <p>62 — 2.ª parte — A chegada ao velho mundo, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:</p> <p>63 — 1.ª parte — A procura dos naufragos. 1 vol.</p> <p>64 — 2.ª parte — Deus dispõe. 1 vol.</p> <p>65 — O castelo dos Carpathos, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.</p> <p>66 — Em frente da bandeira, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:</p> <p>67 — 1.ª parte — A cidade dos biliões. 1 vol.</p> <p>68 — 2.ª parte — Distúrbios no Pacifico. 1 vol.</p> <p>69 — Clovis Dardentor, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:</p> <p>70 — 1.ª parte — Viagens aos mares austrais. 1 vol.</p> <p>71 — 2.ª parte — Lutas de marinheiro. 1 vol.</p> <p>72 — A cartela do repórter, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:</p> <p>73 — 1.ª parte — O filho do coronel. 1 vol.</p> <p>74 — 2.ª parte — O coronel de Kermor. 1 vol.</p> <p>75 — Um drama na Livónia, trad. de Fernando Correia. 1 vol.</p> <p>76 — Os naufragos do Jonathan, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.</p> <p>77 — Os naufragos do Jonathan, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.</p> <p>78 — A invasão do mar, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.</p> <p>79 — O farol do cabo do mundo, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.</p> |
|--|---|--|

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA..

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



*Não ha nada como a
Ovomaltine para dar
uma boa saude*

HA justas razões para a Ovomaltine possuir as inigualaveis propriedades para dar e manter saude, força e vitalidade.

A Ovomaltine é um producto científico feito com os melhores alimentos da Natureza: malte, leite e ovos. Diferente dos outros productos, não contem grande percentagem de ingredientes baratos, taes como o açúcar e cacau, e que dando-lhe mais volume, podem fazer baixar o preço.

Da formula exclusiva da Ovomaltine, resulta um alimento proprio e de facil digestão, completo em todo o seu valor nutritivo, de elementos essenciaes para a saude.

O processo científico da fabricação, que não pode ser copiado, extrai todos esses elementos vitais completos e apresenta-os numa forma concentrada inteiramente livres de amido e de outros productos.

Lembrem-se tambem que quando compram Ovomaltine, obteem mais em qualidade que em quantidade.

A Ovomaltine é a mais economica bebida que podem comprar.

Ha trez tipos de embalagens a Esc. 9\$50, 18\$00 e 34\$00.

OVOMALTINE
é a saude

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS
MERCEARIAS

DR. A. WANDER

S. A. — BERNE

Unicos concessionarios para Portugal:

Alves & C.ª (Irmãos)

R. dos Correios, 41, 2.º — Lisboa